



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEO  
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**PAISAGEM, LUGAR E PERCEPÇÃO: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DO  
HOMEM E OS MANGUEZAIS NO MUNICÍPIO DE QUATIPURU – PARÁ.**

**Belém/PA  
2015**

**JOSÉ BENEDITO FIGUEIREDO FILHO**

**PAISAGEM, LUGAR E PERCEPÇÃO: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DO  
HOMEM E OS MANGUEZAIS NO MUNICÍPIO DE QUATIPURU – PARÁ.**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – PPGeo/Ufpa, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica de Paisagem na Amazônia – Agentes, Processos e Conflitos.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina do Socorro Fernandes de Senna

**Belém/PA**

**2015**

**JOSÉ BENEDITO FIGUEIREDO FILHO**

**PAISAGEM, LUGAR E PERCEPÇÃO: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DO  
HOMEM E OS MANGUEZAIS NO MUNICÍPIO DE QUATIPURU – PARÁ.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina do Socorro Fernandes de Senna - PPGE0  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes - PPGE0

---

Prof. Dra. Lourdes Gonçalves Furtado - PPGCS

---

Prof. Dr. Vagner Costa Ribeiro - USP

Data da apresentação: 28/04/2015

Conceito: \_\_\_\_\_

**Belém/PA**

**2015**

## AGRADECIMENTOS

- Em especial e primeiramente a Deus, por todas as graças por mim alcançadas e etapas da minha vida superadas, pela saúde e disponibilidade que me deu para chegar até o fim de mais uma jornada na minha vida.
  
- A minha família pelo apoio e carinho sempre recebidos, em especial ao meu pai José Benedito Brito Figueiredo, a minha mãe Maria de Nazaré Ramos Gatinho Figueiredo, a minha tia Maria da Anunciação Ramos Gatinho e a todos que direto ou indiretamente contribuíram para o bom êxito deste trabalho.
  
- A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina do Socorro Fernandes de Senna pela amizade, imensa dedicação e inteira disposição na orientação deste trabalho.
  
- Aos meus professores e amigos que pelos seus sacrifícios e esforços contribuíram significativamente em minha missão, ajudando, reerguendo-me nos momentos difíceis.
  
- A Universidade Federal do Pará pela bolsa de mestrado concedida a mim via CAPES, através do PPGEU-UFPA. A oportunidade que me foi dada para o engrandecimento de meus conhecimentos está expressa no resultado desta pesquisa.

***À todos, o meu Obrigado!***

A todos os homens do mangue do litoral paraense, dedico.

*“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”  
(CORA CORALINA, 2007).*

## RESUMO

Esta dissertação é a história de redescobertas dos manguezais, que fiz parte dos meus anos de infância e adolescência, somadas as árduas e longas observações de campo que fiz, onde convivi com os caranguejeiros, seus locais de coleta, vivências e persistências em busca dos caranguejos. Observei as relações dessa comunidade ativa com o ecossistema manguezal, como ambiente produtivo, mas à luz de uma geografia humanista vivenciada, que traz à tona, as percepções, experiências e idéias, uma reflexão sobre a comunidade de coletores de caranguejo-uçá do município de Quatipuru – PA. Apresento uma análise da paisagem, do lugar e do sentimento comunitário ligado à topofilia, que é também construída a partir da percepção ambiental da própria comunidade da AEXQUAT – Associação dos Extrativistas de Quatipuru, sob o viés da Geografia Humanista na análise da interrelação entre a paisagem, o lugar e o ecossistema manguezal. A paisagem é o cenário de nossas experiências cotidianas, uma vez que nos encontramos envolvidos pela paisagem, a percebemos, fazemos parte dela. Uma paisagem é na abordagem humanista, a experiência diária de pessoas que têm vontades, necessidades, emoções e sentimentos, afetividades. Portanto, é o morador, nativo, quem percebe e vivencia as paisagens, atribuindo a elas significados e valores, transformando-as em lugares. O lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem. Mas é impossível desconsiderar a ação de agentes externos, que ignoram o conhecimento e as singularidades que só as pessoas do lugar podem conhecer. Lugar, enquanto essência fundamental para a geografia humanista, também é importante para a compreensão da geografia, enquanto processo de experimentação do mundo. Ao focar o homem e o manguezal, o texto foi se construindo, a partir do conhecimento científico vigente, sendo desenvolvido à luz dos postulados teóricos de Yi-Fu Tuan, enriquecido também pelas geografias vernaculares, extraídas das comunidades, no rico e intenso no convívio com elas. Assim, o homem, os caranguejos, as plantas, a água, as experiências e os sentimentos fazem parte destas reflexões.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista, Paisagem, Lugar e Percepção.

## **ABSTRACT**

**Key-words:**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPITULO 1 - MATRIZES, MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E (CO)EXISTÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>
1.1 – Matrizes: Geografia Humanista e Fenomenologia Geral: .....	18
1.2 – Mudanças e permanências: .....	22
1.3 – (Co)Existência:.....	28
1.4 – Os diversos espaços humanizados: as paisagens de Quatipuru:.....	36
1.4.1 – Paisagem.....	36
<b>CAPITULO 2 – MANGUEZAIS: Caranguejo e Caranguejeiros; Práticas e Representações.....</b>	<b>41</b>
2.1 – Os manguezais: e os manguezais de Quatipuru .....	44
2.2 – Os usos: dos manguezais de Quatipuru .....	51
2.3 – O Caranguejo-uçá, <i>Ucides Cordatus</i> (LINNAEUS, 1763) .....	56
2.4 – Caranguejeiros: na lama, a dura batalha .....	58
2.5 – As práticas sócio-culturais: na coleta e beneficiamento do caranguejo-UÇÁ .....	63
<b>CAPITULO 3 – A VIDA DO LUGAR: sentido pelos caranguejeiros .....</b>	<b>70</b>
3.1 – O Lugar .....	71
3.2 – Experiência .....	77
3.3 – Percepção e Visão de Mundo .....	80
3.4 – Topofilia: o amor por Quatipuru .....	84
3.5 – Comunidade: cultura e a vida local .....	88
<b>4 – É PRECISO CONCLUIR (temporariamente) .....</b>	<b>93</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>

## LISTAS DE FIGURA

Figura 1 - Mapa de Localização do município de Quatipuru .....	23
Figura 2 – Núcleo urbano de Quatipuru.....	30
Figura 3 – Portos do município de Quatipuru. ....	31
Figura 4 – Influência dos ciclos climáticos nas paisagens de Quatipuru . ....	33
Figura 5 – Orla da cidade de Quatipuru. ....	39
Figura 6 – Diferentes paisagens .....	40
Figura 7 – Campos periodicamente inundados. ....	41
Figura 8 – Cascos ou canoas .....	46
Figura 9 – Interior dos bosques de manguezal.....	46
Figura 10 – Carta imagem do litoral amazônico.....	48
Figura 11 – Espécies arbóreas do manguezal.....	50
Figura 12 – Rodovia construída dentro do manguezal.....	54
Figura 13 – Caranguejo-uçá. ....	56
Figura 14 - Caranguejeiros.....	59
Figura 15 - Caranguejeiro. ....	60
Figura 16 – Caranguejeiro no manguezal. ....	61
Figura 17 – Vista panorâmica de Quatipuru .....	89
Figura 18 – Festival mangroove.....	90

## APRESENTAÇÃO

O geógrafo necessita abrir os olhos e dar asas à sua imaginação para vislumbrar novos horizontes de investigação. É preciso viajar. É preciso abrir novas vias de acesso às experiências de vida. Aventurar-se pelo universo da imaginação geográfica é um instigante campo de escavação da memória e do imaginário (DARDEL, 2011, GRATÃO, 2010, 2014).

O presente trabalho é um estudo da comunidade de coletores de caranguejo-uçá vinculados à Associação de Extrativistas e Agricultores Familiares de Quatipuru – AEXQUAT, município de Quatipuru - PA. Apresentaremos uma análise da paisagem, do lugar, do sentimento de topofilia e da percepção ambiental da comunidade. Para tal, um grande esforço foi feito em torno da interdisciplinaridade, enfocando historicamente os manguezais e o homem pelo saber poético e pelo saber científico, integrados na sabedoria ancestral: as geografias vernaculares. O homem, os animais, as plantas, a água, a terra, as criaturas místicas e os sentimentos fazem parte desta narrativa fascinante por meio da qual, fique sabendo, o homem e a natureza ainda podem conviver em relativa harmonia.

Hoje, a Geografia trabalha as relações entre a sociedade e a natureza, questionando sobre a crise das identidades culturais e as marolas provocadas pela globalização (CLAVAL, 2010). A pesquisa em Geografia trata de população e de paisagens, se interessa também pelos oceanos, montanhas, ambientes extremos, juntamente pelas áreas rurais, cidades, grandes metrópoles e pelos espaços cada vez maiores de urbanização difusa. A pesquisa em Geografia constatou de forma alarmante a degradação do meio ambiente, o aquecimento do clima e o aumento do nível dos mares e suas consequências sobre a qualidade de vida da população planetária.

Para o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, *Geografia* significa e oferece esperança, pois a Terra é o lar das pessoas, dos seres humanos. Tuan (2012; 2013) apresenta uma visão de geografia e do meio ambiente mais aberta, pois entende que o homem é parte da natureza, mesmo com suas intencionalidades e capacidades perceptivas. E é esta visão, juntamente com a vontade e o desejo, em busca dos saberes e da geografia vernacular, que norteará as páginas deste trabalho.

É preciso sair a campo aventurando-se como explorador de paisagens e lugares. Preencher os “espaços vazios” dos nossos “mapas de sentimentos” (GRATÃO, 2010, p. 312).

Esse é o nosso acesso aos coletores de caranguejo-uçá de Quatipuru em sua labuta diária. Universo que temos explorado à luz da imaginação e das orientações de Yi-Fu Tuan e sua Geografia Humanista (TUAN, 2012; 2013). Que universo é esse? Por que se enveredar por ele? Certamente há pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade, só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito muito hipotético, de nos encontrarmos ou, quem sabe, de nos reencontramos.

E neste caminhar pelo belo, fértil e afetivo campo de escavação de sentimentos, vivências e co-existências com as comunidades de caranguejeiros associados na AEXQUAT, em Quatipuru-PA, que a Geografia Humanista mostra-se tão maravilhosa para a aplicação em pesquisas envolvendo comunidades tradicionais! É preciso fazê-la com paixão! Encantamento! É preciso trilhá-la como uma escolha, consciente-inconsciente, tornando-a um constante e crescente aprendizado:

[...] A Geografia Humanista não é só um '(per)curso alternativo' [...] ela tem outras buscas... outros sentidos... É como seguir um novo caminho... outros olhares... outros significados... outras paragens... outras travessias... É uma outra viagem (GRATÃO, 2002, p.24).

Para Tuan, o objetivo do campo Disciplinar da Geografia Humanista não é o de se deter na exploração de um tema único, mas fazer uma nova leitura de todos os temas geográficos. Construindo o conhecimento científico, de modo crítico, procurando na filosofia fenomenológica<sup>1</sup>, um ponto de vista para a avaliação dos fenômenos humanos. Como perspectiva de vida, o humanismo valoriza o desafio de discernir o potencial criativo dos indivíduos e grupos, em lidar com o meio ambiente, ou com a superfície da Terra de maneira responsável ou mesmo co-responsável. A criatividade humana também não é confinada pela esfera intelectual: ela envolve emoção, estética, memória, fé e determinação.

---

<sup>1</sup> A Filosofia Fenomenológica fornece o método capaz de fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido a partir da experiência humana e, com isso, por meio da intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva dos indivíduos e das comunidades. O mérito da proposta filosófica é o de abranger a totalidade do ser – percepção, pensamento, simbolismo e ação, que se constata na prática, tornando impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto. A partir do método fenomenológico foram apropriados pela geografia humanista os conceitos de “mundo vivido” e “lugar”.

O Capítulo 1 da Dissertação é intitulado: Matrizes, mudanças, permanências e (co)existência, onde buscou-se trabalhar o campo de abordagem teórica que denominamos “matrizes”. A abordagem fundamenta-se na Geografia Humanista e na Filosofia Fenomenológica, à luz das publicações do geógrafo Yi-Fu Tuan. Ainda neste capítulo, realizou-se a contextualização histórica e geográfica da área de estudo, enfocando as mudanças, as permanências e as (co)existências das populações humanas e um de seus espaços humanizados - a paisagem.

A paisagem, enquanto importante categoria de análise na Geografia foi arduamente trabalhada, a partir dos diversos espaços humanizados, em especial no município de Quatipuru. Para nós, “paisagem não é um lugar, é um olhar sobre um lugar, em uma determinada escala de tempo e espaço”.

O planeta Terra, embora pareça estático e harmônico à primeira vista, encontra-se em contínua mutação, destruindo-se e reconstruindo-se ao longo de sua existência. Esse processo tende a ser acelerado, com a introdução do elemento humano. Houve uma fantástica evolução de como as pessoas vêem os manguezais nas últimas décadas, desde áreas consideradas sem nenhum valor a um dos ecossistemas mais produtivo da Terra.

O Capítulo 2 é intitulado: Manguezais: caranguejos e caranguejeiros; práticas e representações. Trata da história da descoberta do manguezal, que fiz nos meus anos de infância e de adolescência, juntamente com as árduas, longas e ao mesmo tempo prazerosas observações de campo que fiz no município de Quatipuru, onde convivi com os caranguejeiros e os caranguejos.

Portanto, mostro no capítulo 2 que não foi na UFPA, no MPEG ou na USP e nem em qualquer outra Instituição sábia, que travei conhecimento com o fenômeno das práticas e das representações dos homens dos manguezais. O fenômeno revelou-se espontaneamente aos meus olhos nos manguezais da costa atlântica do salgado paraense. Esta é que foi a minha universidade: a lama desses manguezais, fervilhado de caranguejos e povoado de seres humanos, criados com a carne de caranguejo, e às vezes pensando e sentindo-se como um caranguejo. Alimentados na infância com o caldo do caranguejo, conhecido como “leite de lama” (CASTRO, 2007). Os seres humanos que se fizeram assim, irmãos de leite a partir da coleta dos

caranguejos. E depois de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos manguezais, de terem impregnado do seu forte cheiro de terra e de maresia, nunca mais podiam libertar-se desta relação simbiótica.

Não admira que, hoje, os manguezais sejam divinizados pelos habitantes dessas áreas, embora os homens não saibam explicar como o mangue realiza este milagre de criar terra e vida como se fosse um deus. Mas os homens vêem, ainda hoje, crescer diante dos seus olhos as coroas lodosas e transformarem-se, pela força construtora dos mangues, em ilhas verdejantes, fervilhantes de vida.

No Capítulo 3, integram-se em uma discussão, a vida do lugar sentido pelos moradores, a percepção destes e o sentimento de topofilia, pois é esta fascinação e esta marca que o manguezal provocou na minha alma de criança, que procuro hoje invocar, e que converge para a paisagem e o lugar, valorizando a percepção e a topofilia dos homens para com os manguezais.

O texto da dissertação mostra observações, tradições e informações obtidas no campo da literatura científica, em trocas de idéias com colegas e com pessoas que vivem dos manguezais. Este, que tem por alvo o não-especialista, se impôs a mim, que certamente está mais à vontade na lama dos manguezais do que na frente de um computador, ou de qualquer outra parafernália do mundo moderno. Daí o pedido a vocês que perdoem as imperfeições no estilo e na linguagem, devido as minhas limitações humanas. Vocês e o tempo dirão se fui bem sucedido na tentativa de escrever um texto fácil, poético, interessante e informativo sem causar tédio e cientificamente correto, até onde chegam os conhecimentos atuais.

**CAPITULO – 1**

**MATRIZES, MUDANÇAS,  
PERMANÊNCIAS E  
(CO)EXISTÊNCIAS**

A Terra dos homens guarda mistérios, esperanças, dores e desesperanças. Guarda os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. No âmbito de tal perspectiva, pretendemos, neste capítulo, percorrer os espaços labirínticos, mais do que isso, atravessar lugares amplos e resplandecentes pautados na Geografia Humanista e na Filosofia Fenomenológica. Partiremos para a extrema luminosidade dos lugares e da percepção humana, conduzidos pelas relações do dia a dia, do labor, da arte, do lazer, da religiosidade e toda sorte de elementos, em meio à abnegação, ócio e prazer efetivados pelos seres humanos.

Aqui é o meu lugar. Mas desconheço o que existe do outro lado do rio. Amo meu bairro e minha cidade. Todavia não os conheço inteiramente. Estimo os lugares onde nunca estive pessoalmente, porém a mim transmitidos pelas pessoas mais velhas, experientes, por familiares, amigos ou pelos meios de comunicação tradicionais. Ao lado disso, a pátria amada e até mesmo o planeta Terra – nestes tempos de consciência ecológica – adquirem simbolicamente o *status* de lares ou lugares<sup>2</sup>. Ambivalentemente, admito que abomino ou rejeito diversas paisagens de minha própria região, ou de meu país. No entanto, sonhamos em ancorar em paraísos naturais ou construídos pelo homem em meu torrão natal ou além-mar.

Nessas condições, pondera MELLO (2012), a senda, por excelência, para a compreensão dos lares dos homens ou de suas “geografias vernaculares” tem sido trilhada por meio da construção de conceitos, tarefa esta de fundamental importância e muito cara às Ciências Humanas. Os estudos *Humanistas* em geografia, particularmente, se esmeram em distinguir e explorar o lugar, paisagem e o espaço como categorias matriciais. Portanto, vamos pautar nossa energia nas mudanças, nas permanências, nas coexistências e no estudo da paisagem. Na realidade os conceitos de paisagem e lugar comparecem com frequência nas análises do horizonte da Geografia Humanista.

---

<sup>2</sup> O lugar será explorado em detalhes no tópico 3.1, do capítulo 3: A VIDA DO LUGAR: sentido pelos caranguejeiros.

## 1.1 – MATRIZES: Geografia Humanista e Fenomenologia.

É a atitude humanista que atribuímos a este trabalho e a nossa sensibilidade, a saber: a domesticação das plantas, dos animais e da água, a experiência da coragem e do medo, o sentido de ser bom e a nossa necessidade inerente de escapar do mundo, certamente não são exemplos de abordagem em uma geografia tradicional. Nossas concepções de paisagem e lugar<sup>3</sup> estão transpassados pelo humanismo.

Marandola Jr. (2005) argumenta “a favor de uma geografia permeada pelo humanismo”, e o mesmo alerta que:

Não podemos falar tão facilmente sobre a visão humanista [...] porque [...] humanista não se filia a uma doutrina explícita sobre a natureza humana (MARANDOLA JR. 2005, p.395).

Segundo Pádua (2013), “Tuan considera que o humanismo é uma visão abrangente do que a pessoa humana é e pode fazer”. O humanismo implica também no pensar, no experienciar e perceber todas as pessoas em sua individualidade e como comunidade ou cultura.

Como é então a geografia humanista? Tuan explica que:

A Geografia Humanista, [...] especificamente procura compreender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da consciência humana (TUAN, 1993, p.267).

Tuan mostra, então, quais são os temas privilegiados de foco da geografia humanista: o conhecimento geográfico, considerando que todas as pessoas produzem e possuem uma geografia, a partir de sua experiência no mundo; as noções de territórios e lugar, com foco na compreensão de como espaços se transformam em lugares, qual é a natureza de nossa experiência, a ligação com o lugar e o pensamento simbólico; o apinhamento e a privacidade, procurando compreender a cultura como mediadora entre o comportamento e a

---

<sup>3</sup> Esses conceitos serão discutidos a seguir em tópicos específicos. Paisagem no tópico 1.4.1 e Lugar no tópico 3.1.

emoção; a religião, buscando entender como as ambigüidades humanas influenciadas pela religião, se manifestam em nossas atitudes e na organização do espaço e do tempo. Em outro texto, Tuan também sugere que os estudos das atitudes em suas diversas nuances – atitudes para com um aspecto do ambiente, uma região, a relação homem-meio a até as cosmografias tradicionais integram uma abordagem possível da geografia humanista.

Acreditamos que o *humanismo* é, mais que apenas uma matriz científica, é uma postura frente à vida. Também julgamos importante a busca pela compreensão da natureza humana, ainda que aceitemos as inúmeras especificidades e individualidades, que se expressam por meio da cultura e do comportamento humano – talvez seja este um dos componentes da natureza humana, afirma Pádua (2013).

A academia tem negligenciado esse canal relevante para a compreensão do entendimento desse saber popular, no qual os mundos vividos surgem dessa construção intelectual que deriva de nossas relações de posse com os artefatos. Mas a força vernacular floresce e ecoa, consagrando a memória simbólica dos lugares.

Como vemos no pensamento filosófico “não existem marcas e signos em si”, mas “somente em virtude dos significados que um ser humano ou grupos” lhes atribuem. Esta questão de posse, defesa e significado remonta à noção fenomenológica do mundo vivido, contemplando de forma indissociável os pertences privados ou públicos, parentes, amigos, conhecidos, eventos, ações, “canções que minha mãe me ensinou” e o lugar, intrinsecamente imbricados, introjetados nos indivíduos e grupos sociais. Em outras palavras, consoantes à alma dos lugares.

Sobre a filosofia fenomenológica, nos reportamos ao trabalho de AMORIM FILHO (1999, p.21 - 22), que revela emergirem diversas contribuições em várias etapas da evolução dos estudos fenomenológicos, a partir de meados do século XIX. Foi em reflexões como as do filósofo alemão Edmund Husserl, considerado o fundador da fenomenologia moderna, que surgiram reações contra a ciência pragmatista do século VIII. Husserl lança, entre outras, as sementes da noção de “*mundo vivido e a busca dos sentidos e das intencionalidades*”.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p.1) a fenomenologia:

[...] é o estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua 'facticidade'. [...] É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo 'vivido'. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é e sem nenhuma referência à sua gênese psicológica e às explicações causais que [...] dela possam fornecer.

Segundo Pádua (2013), este autor propõem uma filosofia fenomenológica-existencialista, onde a “consciência é vista como engajada (ou comprometida) no mundo, o que pode ser comprovado pelo estudo da percepção e do comportamento, além do espaço vivido”. Então, Merleau-Ponty (1999) explica que a própria ciência se faz a partir de uma visão, de uma interpretação que o homem dá ao objeto de estudo. Sendo assim, há o entendimento dos fatos, a compreensão e a experimentação, uma vez que a ciência não existe por si só:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha, ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar esta experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Ainda, nas palavras de Pádua (2013, p.25):

A fenomenologia é uma das orientações filosóficas de mais elevada importância no âmbito da Geografia Humanista. Pois há uma tendência inata ao geógrafo de possuir afinidades com seus objetos de estudo em função de sua experiência, criando, dessa maneira, a consciência geográfica. A experiência geográfica antecede a ciência e independe dela, mas pode ser recomposta no campo filosófico da fenomenologia – consciência geográfica – porque para a fenomenologia não há separação possível entre sujeito e objeto e a consciência se revela ao mesmo tempo como intencionalidade, experiência e vivência do eu, fazendo com que as coisas se revelam em si.

Tuan (1971) defende a importância da abordagem fenomenológica em geografia, uma vez que não procura compreender a homem, ou o mundo como abstração, mas o ser-no-mundo, a natureza da experiência e o sentido de ser.

A abordagem é fenomenológica; para o meu propósito considera que este termo significa uma perspectiva filosófica, uma que suspende, o tanto quanto possível, as pressuposições e o método da ciência oficial no intuito de descrever o mundo como o mundo de intencionalidades e sentidos. A fenomenologia se preocupa com as essências: o que, por exemplo, é a essência do homem, espaço, ou experiência? (TUAN, 1971, p.181)

O mesmo considera que a geografia ao mesmo tempo se revela e espelha o homem. Revela-nos pois, que conhecer o mundo é conhecer a si mesmo; espelha-nos, porque reflete sobre nossos padrões de pensamentos e preocupações, a organização simbólica, a percepção, a atitude e o comportamento.

A geografia de fundamentos fenomenológicos e existencialista vai ao encontro de nosso posicionamento humanista frente à ciência, à realidade e à nossa própria vida. O existencialismo se confunde e se entrelaça com a fenomenologia. Entretanto, para os existencialistas, a existência precede a essência:

O existencialismo distingue-se da essência, fazendo corresponder ao primeiro, o conhecimento intelectual, enquanto para a segunda há o conhecimento sensível. Os sentidos põem em contato seres particulares – os indivíduos, únicos que realmente existem, pois sua inteligência permite apreender as essências, que são meras possibilidades do ser. A apreensão desta essência não esgota a realidade dos seres, porque não explica sua existência. A humanidade só existe a partir das características dos indivíduos que, mesmo sendo diferentes partilham da qualidade de existirem como seres humanos. Estas teses distinguem o Existencialismo das filosofias ‘essencialistas’, reforçando a subjetividade, o dualismo e a mediação das coisas em relação ao homem. (HOLZER, 1992, p.331-332).

Holzer (1992) comenta que a fenomenologia permite que as questões da experiência e da imaginação, tratadas na geografia humanista, sejam abordadas a partir da semiconsciência para a compreensão da experiência e para os sentidos não questionados, os quais criam o comportamento. Assim, não devemos nos preocupar com a distinção entre as matrizes filosóficas

citadas – nossa preocupação é com uma geografia humanista capaz de ampliar a visão da natureza humana e suas relações (PÁDUA, 2013).

Para Tuan (1993), o homem tem consciência de si, isso permite se compreender como ente separado das coisas. Essa separação é o nada. Procura-se então, preencher o nada pelo pensamento e percepção, fazendo projeções para o futuro. Essa é a liberdade, liberdade no sentido existencial.

A liberdade garante que a percepção vá além do que realmente existe, ganhando contornos de imaginação. Mesmo a percepção de algo que falta, que não está, é percepção de algo. O homem comanda seu mundo e, para isso, reduz o outro a um objeto em seu mundo. Essas concepções afetam, por exemplo, a noção de natureza em Tuan, sua separação e subordinação às intencionalidades e à ação humana, conclui Pádua (2013).

## 1.2 – Mudanças e Permanências.

“O parasita inteligente não mata seu hospedeiro”.  
...mas o homem nem sempre é tão inteligente quanto a pulga,  
o carrapato ou a solitária; com frequência, é tão insensato  
quanto um vírus letal... (MARTA VANNUCCI, 2002).

A mente é o instrumento primordial que permitiu ao homem ocupar gradualmente todos os habitats possíveis, e aparentemente impossíveis, como nenhuma espécie antes fora capaz. Ele foi capaz de fazê-lo, porque aprendeu a se adaptar a diferentes nichos ecológicos, utilizando os produtos naturais disponíveis no local e que conviessem aos seus propósitos.

No cenário dos 144 municípios paraenses, está o município de Quatipuru como sua história, sua gente, sua cultura, seus sabores e seus des-sabores. Foi colonizado por europeus (portugueses e espanhóis), em uma terra habitada por índios Tupinambás. O município de Quatipuru, está localizado na Mesorregião Nordeste Paraense e a Microrregião Bragantina, possuindo uma extensa área de ecossistemas manguezal, distante 210 Km da capital do Estado, sendo considerado uma das regiões mais importante na produção de caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*, LINNAEUS, 1763) do Brasil. Com acesso pela PA 246, Quatipuru apresenta uma população de aproximadamente 12.527

habitantes e uma área total de 324,25 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2010; IDESP, 2013), situado entre os paralelos 00°30'00" e 01°20'00" de latitude Sul e os meridianos 47°15'00" e 47°35'00" de longitude Oeste de Greenwich.

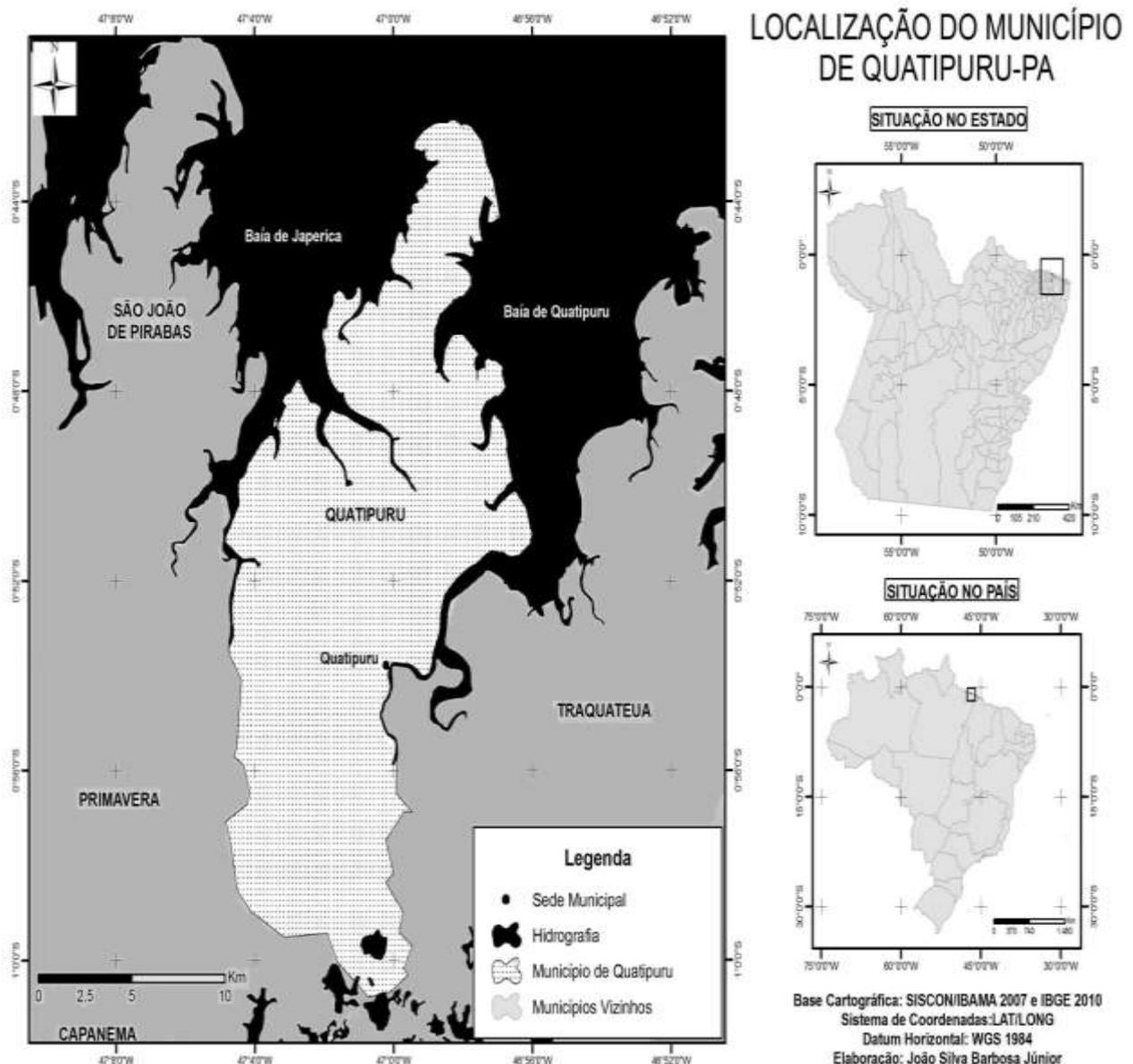


Figura 1. Mapa de localização do município de Quatipuru-PA.

As primeiras informações sobre o município de Quatipuru datam de 1863 (SILVEIRA, 1979). Em 1863, o sítio denominado Arapeua, localizado na margem esquerda do rio Quatipuru, aproximadamente 16 km de sua foz no

Atlântico, foi constituído em Direito de Paz, sendo depois erigido em Freguesia com sede na vila de Quatipuru. Seu território fez parte do município de Bragança até 1879, quando foi elevado à categoria de Município. Sua instalação como tal deu-se somente em 1883, sendo extinto em 1900, sendo seu território dividido e anexado aos dos municípios de Salinópolis e Bragança.

Em 1902, o município de Quatipuru foi restaurado e teve sua sede instalada na vila do mesmo nome: posteriormente, transferiram a sede para a povoação de Mirasselva em 1908, onde permaneceu até 1919, quando seu território foi incorporado ao Município de Capanema.

Simultaneamente, a esse processo de repetida reorganização territorial, a implantação da Estrada de Ferro de Bragança - EFB, como meio de colonizar a grande extensão de terra que separava o município de Bragança da Capital Belém, sem dúvida nenhuma exerceu sua influência sobre Quatipuru, sendo construída e inaugurada uma estação ferroviária em 1908 (CRUZ, 1955), na povoação de Mirasselva (Km 211 da EFB).

Antes porém, da abertura da EFB, a comunicação de Belém, Bragança e as terras que entre elas ficavam, era realizada utilizando-se a capacidade de navegação de rios que tinham sua foz no Atlântico, como é o caso do rio Quatipuru. Essas viagens realizadas em pequenos barcos à vela eram perigosas e demoradas, tornando necessárias freqüentes paradas para abastecimento e repouso, o que deu origem ao surgimento de pequenos povoados ao longo da costa paraense. A partir de Belém, que funcionava como entrada da bacia Amazônica até Bragança, encontravam-se os seguintes portos: Icoaraci (antigo Pinheiro), Vigia, São Caetano de Odivelas, Curuçá, Marapanim, Maracanã, Salinópolis, São João de Pirabas e Quatipuru, ainda hoje utilizados (SILVEIRA 1979).

Esses núcleos formados ao longo do litoral, com economia voltada para a exploração do mar, passaram a constituir a chamada Zona do Salgado, dada a influência que sofre das marés semi diurnas. Contudo, o município de Quatipuru, por ser tocado pela EFB, era considerado como pertencente à região Bragantina, pois essa denominação atingia a todos os Municípios que de alguma forma eram servidos pela ferrovia, desde seu ponto inicial em Belém.

A estrada de ferro, planejada em 1870, iniciada em 1883 e construída 25 anos depois, em 1908, trouxe consigo não apenas a possibilidade de desenvolvimento para os municípios por ela atingidos, como também todos os problemas de uma colonização extensa, intensa e mal planejada.

Em conversas com alguns dos mais antigos moradores de Quatipuru, sobre as conseqüências mais importantes decorrente da implantação da EFB, bem como de sua extinção, é interessante observar que todas as vantagens e facilidades de transporte e comunicação que a estrada possibilitou são deixadas de lado, quando se lembram de que perderam sua posição político-administrativa para a povoação de Mirasselve, por ter sido esta última, o ponto escolhido no antigo Município para a construção de uma das estações ferroviárias.

Todavia, considerando o Município como um todo, para SILVEIRA (1979), o movimento comercial teve grande impulso, este impulso foi de tal ordem que, em 1908, o Município de Quatipuru participou da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, juntamente com outros municípios, apresentando-se nas seções de indústria agrícola, fabril, couros e peles, tintas, colas, vernizes e graxas, material para navegação, plantas medicinais, madeiras e outros.

Contudo, esses benefícios são reconhecidos apenas pelas povoações de Quatipuru, que estavam próximas à via férrea, o que não era o caso da cidade de Quatipuru. Esta, que era a sede municipal, perdeu como dissemos, essa posição administrativa para a povoação de Mirasselve, que, assumiu a função de entreposto graças à estação ferroviária. Foi portanto, em decorrência de problemas políticos e administrativos, originados da implantação da EFB, que Quatipuru começou a sofrer mudanças de sede e a ter seu território dividido entre os municípios vizinhos.

Segundo SILVEIRA (1979), a mudança da sede para Mirasselve, em 1908, teve pouca repercussão na vida econômica da Quatipuru, pois o comércio realizado entre esta e a Capital, para onde remetia, além do tabaco e do algodão, produtos como arroz, feijão, farinha, peixe seco, milho, porcos e criações, continuou a ser realizado por via marítima.

Quanto à comunicação de Quatipuru com Mirassolva, esta era feita em pequenas montarias, que gastavam em média 8 horas para atingir o povoado, e de lá, tomava-se o trem para os outros centros. Sendo difícil navegar pelo rio Quatipuru em barcos de grande porte, para que as mercadorias fossem transportadas para o trapiche de Mirassolva e em seguida à estação ferroviária, era necessária a fretagem de maior número de barcos pequenos para o transporte pelo rio, bem como o pagamento do transbordo das mercadorias até a estação, o que acarretava maiores despesas para o produtor. Para evitar esses gastos, dada a inexistência de rodovias na área, os moradores da vila de Quatipuru utilizavam a ferrovia apenas para seus deslocamentos pessoais, enquanto as mercadorias continuavam a ser levadas por via marítima.

Ainda segundo SILVEIRA (1979), a estrada de rodagem surgiu com um traçado paralelo à estrada de ferro, dando maior impulso à vila de Quatipuru, bem como a outros povoados, devido à facilidade de se abrirem ramais em picadas já existentes, e por onde os colonos carregavam antes seus produtos em lombo de animais. Em 1948, foi aberto um ramal ligando o povoado de Primavera à Vila de Quatipuru. Nesta ocasião, o território pertencente ao extinto município de Quatipuru estava anexado ao então município de Capanema, de onde, através do prefeito, que era natural da vila de Quatipuru, veio a autorização para a abertura do referido ramal.

A extinção da EFB, em 1964, ocorreu não apenas em virtude de sua situação financeira, constantemente deficitária, a ponto de não ter condições para conservação do leito e das máquinas em estado satisfatório, forçando o comércio de Quatipuru a ser realizado, unicamente, através da rede rodoviária que recobre o nordeste paraense, levando, principalmente para Belém, parte da produção, e trazendo, também da sede estadual, produtos que eram parte da necessidade diária de seus moradores.

Em 1919, segundo a Lei n.º 1.802, de 4 de novembro, a sede municipal foi transferida para a vila de Capanema, o que ocasionou o retorno de Quatipuru à condição de distrito. Em 1955, houve uma tentativa de desmembramento do território de Capanema para constituir o município de Quatipuru, mediante a Lei Estadual n.º 1.127, de 11 de março de 1955, ato que

foi anulado, devido à inconstitucionalidade da referida lei já citada, assim decretada pelo Supremo Tribunal Federal.

Por outro lado, concretizou-se o desmembramento de parte do território de Capanema para a criação do município de Primavera, conforme a Lei n.º 2.460, de 29 de dezembro de 1961. Capanema perdeu, além do distrito de Primavera, o distrito de Quatipuru, ambos passaram a pertencer ao novo município criado.

Somente em 1994, através da Lei nº 5.859, de 5 de outubro, assinada pelo governador Carlos Santos, o município de Quatipuru foi finalmente criado, sendo desmembrado do município de Primavera, com sede na localidade de Quatipuru, que passou à categoria de cidade, com a mesma denominação. Sua instalação aconteceu no dia 1º de janeiro de 1997, com a posse do prefeito Ranulfo Teixeira Cavalcante, do vice-prefeito e vereadores eleitos no pleito municipal de 03 de outubro de 1996. O primeiro nome dado ao Município, Quatipuru, foi devido à abundância de roedores - coatipuru ou acutipuru "*sciurus aestucus*" - existentes na região (IDESP, 2013).

Neste contexto histórico, a coleta e o beneficiamento do caranguejo-uçá, ainda não se destacava com um importante produto para a geração de renda no município, como se observa nos dias atuais. A coleta e o beneficiamento de caranguejo começaram a ganhar destaque na economia local, apenas no final dos anos de 1990 e início da primeira década do novo milênio.

O atual município de Quatipuru é formado pela sede, núcleo urbano e por sítios e povoados dispersos que constituem a zona rural. Abriga em sua área 324, 25 km<sup>2</sup> e uma população de 12.527 habitantes, dos quais 7.098 estão distribuídos nos sítios e povoados, enquanto na sede municipal, estão concentrados 5.313 habitantes (IBGE: 2010).

A população rural, dispersa e majoritária corresponde também à fragmentação da terra em pequenas unidades de exploração de âmbito familiar, elas próprias resultantes do processo histórico de povoamento da região. Assim, tem-se a pequena propriedade ou posse da terra, que depende da força de trabalho do grupo familiar para seu funcionamento econômico. Nestas condições, é raro o trabalhador rural sem terra, quando ocorre uma

relação de trabalho assalariada, esta dá-se entre um proprietário que necessita de mão-de-obra e um outro proprietário que vende a sua própria força de trabalho, na medida em que excede a sua capacidade de utilização nas terras que são suas (SILVEIRA,1979).

Atualmente, a base econômica de Quatipuru repousa, principalmente, na coleta e beneficiamento do caranguejo, na pesca, na agricultura e no funcionalismo público. Essas atividades são complementares entre si, enquanto as demais se revestem de funções secundárias no equilíbrio econômico local.

Ao fazer o contexto histórico-espacial do Município de Quatipuru, ocorre uma única pergunta. Pra que tantas datas e tantos nomes? Isso irá contribuir de alguma forma para este trabalho? Veremos!

Os resultados apresentados a partir dos levantamentos históricos e das caracterizações mostraram que as populações de Quatipuru, apesar de seu relativo isolamento geográfico do passado e as inúmeras mudanças e transformações ocorridas na história política da região e principalmente do município, estão inseridas em processos de mudanças sociais e culturais, que passaram a alterar seu modo de vida tradicional, principalmente a partir do final da década de 1990. Entre os processos sócio-econômicos envolvidos nessas mudanças deve-se ressaltar o destaque inicial que as atividades ligadas à coleta e ao beneficiamento do caranguejo-uçá passaram a representar na economia local. A partir daí, grande parte da população passou a desenvolver alguma ou várias tarefas ligadas nessa atividade.

### 1.3 – (CO)EXISTÊNCIA.

O município de Quatipuru ainda apresenta fortes vestígios de sua história, particularmente, da história da relação entre o homem e a natureza, desde a sua ocupação, com uma forte e crescente economia local, advinda da produção e comercialização de recursos naturais, com base extrativista e rural. Há sobretudo, os momentos mais importantes dessa história, na memória dos

habitantes mais velhos, que por sua vez narram a história dos “antigos”, de personagens míticas e da origem das tradições culturais.

Localizada à margem esquerda do rio Quatipuru, a cidade teve seu desenvolvimento paralelo a este, a partir da Igreja Matriz. Esta, praticamente faz limite com a vegetação de mangue, existindo poucas casas entre esta vegetação e a igreja local. Apesar de todas as ruas terem nomes, a população sempre dá como referência a casa de algum morador antigo da rua.

A cidade está dividida em 11 pequenos bairros denominados de: Centro, Pedreira, Barca, Marambaia, União, São Benedito, B13, Vitaulândia, Vila Reis e Vila Cantaneira (Figura 2).

A importância atribuída pelos moradores locais aos bairros de Quatipuru está ligada à proximidade destes aos manguezais, que circundam a pequena cidade fixada na terra firme, juntamente com sua ligação ao rio. Pouca diferença existe nas habitações neles agrupadas, à exceção da Avenida Cônego Siqueira Mendes, que se inicia em frente da Igreja Matriz e se prolonga até a rodovia PA-446, que liga a sede do município à localidade de Boa Vista, habitada em sua maioria por pescadores (ZF-47). Na Siqueira Mendes, estão concentradas quase todas as melhores casas da cidade, como também o prédio da prefeitura, o prédio do legislativo, o mercado, os principais pontos comerciais, escolas, a rodoviária e a Praça da Igreja de São Benedito.

Nem sempre é para cidade de Quatipuru, que converge toda a vida social municipal, nem sempre também, as transações econômicas são efetivadas. Quatipuru é bastante dependente dos municípios de Bragança e especialmente dos municípios de Belém e Capanema, onde a história dos habitantes está intimamente ligada, incluindo parentesco.

Os trapiches são testemunhas do vai-e-vem diário das canoas, lanchas e barcos, que neles atracam, trazendo caranguejos e pescados, beneficiados e comercializados na cidade e fora dela. Além disso, transportam pessoas e mercadorias para outros povoados (Figura 3).



Nem sempre a relação do homem com a natureza em Quatipuru é observada através dos elementos físicos contidos nas paisagens. As entidades míticas “Ataide e Mãe d’Água”, juntamente com outra entidade indígena, o ‘Curupira’, que se traduz corpo de menino trazem à lembrança, um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras, representado por um anão de calcanhar virado para frente (CÂMARA CASCUDO, 1972). Vê-se, portanto, que as marcas culturais não são somente materiais, são sobretudo representações simbólicas, que segundo GODELIER (1984) aparecem no coração das relações materiais do homem com a natureza, como uma parte ideal, pela qual se exercem as três funções do conhecimento: representar, organizar e legitimar as relações dos homens entre si e com a natureza.



Figura 3. Aspectos gerais dos portos e trapiches de Quatipuru, onde: A – Trapiche (porto) da cidade de Quatipuru; B – Porto da Taperinha (zona rural do município); C – trapiche da vila de Boa Vista e D – porto do bairro vila Cantaneira na cidade de Quatipuru.

Nesse sentido, afirma DIEGUES (1999), há necessidade de se começar a fazer, no Brasil de forma sistemática, a história ecológica não somente ao nível nacional, mas também regional e até local. Essa história ecológica não deve ser simplesmente a história dos ciclos econômicos, mas sobretudo, a história das relações complexas, materiais e simbólicas, que os

homens, ao longo do tempo histórico, desenvolveram com o mundo natural e com os outros homens.

A história das relações complexas, materiais e simbólicas que os homens desenvolveram entre si e com a natureza está sendo resgatada nos manguezais de Quatipuru. Entretanto, os elementos que aparecem neste trabalho são somente as primeiras indicações para uma história ecológica da região, que deve ser realizada de forma interdisciplinar, reunindo conhecimentos de várias disciplinas como a geografia, a história, a etnoecologia, a antropologia, a economia etc.

Uma das primeiras características desse processo é que a história de Quatipuru não pode ser entendida, sem a análise de sua inserção nos processos sócio-ambientais da Região Bragantina, pois Bragança é um dos municípios que mais revelam os primórdios da ocupação dessa região do litoral nordeste da Amazônia, anterior à própria fundação de Belém - PA.

Se observarmos a Micro-Região Bragantina como um todo, observamos nos últimos anos, uma migração gradativa no sentido campo/cidade, migração principalmente, dos integrantes mais jovens da população. Contudo, é notório que as atuais limitações que o ambiente terrestre apresenta, com solo degradado e vegetação fortemente alterada, geraram uma crescente necessidade de maior investimento de mão-de-obra, portanto, a migração só pode ser entendida, quando integrada à produção deficitária das unidades produtivas, ou seja, o produto final é inferior às necessidades do grupo doméstico, e, portanto, insuficiente para sua reprodução como força de trabalho.

O forte êxodo rural existente na região é o reflexo dos baixos investimentos por parte do poder público em outros meios de geração de renda, pois o incremento populacional vem exercendo pressão sobre a disponibilidade dos recursos naturais e a capacidade de cultivo das terras, impedindo esse deslocamento da população ativa do campo para a cidade, dando a impressão de se tratar de um excedente de mão-de-obra.

A cidade sempre exerceu grande fascínio sobre os trabalhadores rurais, pois as condições precárias dos serviços encontrados no campo, tais como saúde, educação, transporte, além da baixa rentabilidade econômica

decorrente de uma agricultura extensiva ou de um extrativismo vegetal ou animal, desestimularam a fixação dessas populações, acelerando o deslocamento em direção à cidade.

Apesar desses processos, destacando a forte emigração que tem ocorrido, os moradores de Quatipuru ainda dependem, para a reprodução de seu modo de vida, do uso dos recursos naturais existentes no município, em especial dos recursos dos manguezais. Nesse sentido, a sua vida é marcada por dois períodos ou estações principais, a estação chuvosa, que tem início no mês de janeiro e se estende até junho e a estação seca ou estiagem, que se inicia no mês de setembro e se estende até dezembro (Figura 4).



Figura 4. Influência dos ciclos climáticos nas paisagens e na vida da população do município de Quatipuru, onde observa-se: A – estação chuvosa no mês de abril de 2014 e B – estação seca no mês de novembro de 2014, ambas as fotos tiradas de um mesmo local, em campo inundável, próximo de Taperinha.

Co-existe uma relação importante na vida econômica local, que tem sua subsistência nas atividades ligada à coleta e ao beneficiamento do caranguejo-uçá, pois como já mencionado, essa é a principal atividade econômica do município, produzindo anualmente toneladas de massa desse produto. Desde o início dos anos 2000, o município de Quatipuru se destaca como o maior produtor de caranguejo do Brasil (CEPNOR, 2006). Outra atividade importante é a pesca marítima, a pequena agricultura, sobretudo com o cultivo de mandioca, da qual extraem a farinha que é uma das bases da alimentação local, além da pecuária bovina e bubalina. Tudo isso, junto com o funcionalismo público, contribuem para a manutenção da vida econômica municipal.

## 1.4 – As diversas paisagens de Quatipuru enquanto espaços humanizados

Se de fato a paisagem reúne, como diz DARDEL (2011), todos os elementos geográficos [...]; se a paisagem é, como ele ainda diz, “a face local da Terra com suas distâncias e suas direções”; se, mais globalmente, a paisagem diz respeito à uma certa visibilidade da Terra, não é menos verdade, acrescenta ele, que a paisagem não é primeiro um espetáculo, ela não é na sua essência, feita para ser olhada.

Ao assumir uma postura humanista na geografia, Tuan (1966 p. 31) ponderou que:

“A paisagem é mais que natureza superposta pelas expressões matéricas da vida humana. Ela significa mais para nós do que a soma de fatos materiais como montanhas e vales, campos, estradas, pontes, igrejas e casas; porque além da apreciação econômica e científica, nós imputamos à paisagem, conteúdos que podem ser descritos apenas como ‘psicológico, religioso, estético e moral’.

Antes, então da instituição de qualquer experiência visual, antes de qualquer espetáculo, e dando ao espetáculo sua verdadeira dimensão, a paisagem é expressão. Mais fortemente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque nela se enraíza o encontro entre a Terra e o projeto humano. Para BESSE (2006), paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra.

### 1.4.1 – Paisagem

A noção de paisagem, usada na ciência geográfica tradicional, veio primordialmente da leitura de pinturas, que retratavam paisagens no período do Renascimento. Elas foram, então, claramente delimitadas como uma área que cabia no campo visual e que possuía aspectos que a destacavam do seu entorno.

Notem bem que a geografia acadêmica e o conceito de ‘paisagem’ têm origem simultânea e comum, origem que amplia em muito a concepção primeira de ‘paisagem’ no pensamento cultural ocidental, surgida no Renascimento, associada às novas técnicas de representação do espaço (HOLZER, 1999, p. 151).

A discussão em torno do conceito de paisagem é antiga. Desde a sistematização da Geografia como ciência no século XIX, o tema paisagem vem sendo discutido para a efetiva compreensão das relações sociais e naturais em um determinado espaço. Em diferentes regiões do planeta, o conceito paisagem vem sendo utilizado, divergindo dentro de múltiplas abordagens.

A palavra paisagem nasceu do alemão *landshaft* e carregava consigo o sentido de lugares comuns, do cotidiano, como fazendas e campos. Na transposição para o inglês – *landscape* – a paisagem ganhou contornos estéticos e derivou daí, a concepção de excepcionalidade, de panorama visual (PÁDUA, 2013).

Inicialmente, o embate acerca da conceituação de Paisagem deu-se a partir da dicotomia estabelecida pelos geógrafos, que diferenciavam entre paisagem natural e paisagem cultural. A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de geologia, geomorfologia, vegetação, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem na natureza, observado mais propriamente nos espaços urbanos e rurais.

Na atualidade, a noção de paisagem tem sido para os geógrafos e cientistas de outras áreas (biólogos, agrônomos, ecólogos, arquitetos, entre outros), o ponto de partida para o entendimento das complexas relações entre o homem e a natureza, buscando através dela, uma compreensão global da natureza, possibilitando projeções de uso, gestão de espaço e planejamento territorial.

Georges Bertrand (1971, *apud* MAXIMIANO, p.88), enfatiza que:

A paisagem não seria a simples junção de elementos geográficos..., mas a combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.

O geógrafo norte-americano Carl Sauer (1998, p. 42), entretanto, destaca:

Não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de

desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto.

Em outra acepção, Paul Claval (1999, p. 296) afirma:

Os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: eles são em parte funcionais, em parte simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras: modela-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras, ou construir os equipamentos e as habitações; molda-os através das preferências e os valores que dão as sociedades suas capacidades de estruturar espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído às diversas facetas da vida social; ajuda enfim a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um.

TUAN (1970, p. 70), em seu livro China, comenta que:

O significado que a paisagem tem para nós varia de acordo com o grau de envolvimento com a natureza [...] Mas o significado de paisagem é bem mais rico do que algumas perspectivas sugerem. Como o ambiente natural muda por si só ao longo do tempo – devagar como resultado de processos naturais; e rapidamente como resultado da ação humana – então as pessoas não encontram as mesmas realidades objetivas de um período para o próximo. E é claro as próprias atitudes se alteram de forma que os mesmos fatos, em outros tempos são percebidos de formas diferentes e demandam novas respostas.

Nessa breve análise, percebemos o quão dualista é a ciência geográfica, na medida em que os autores têm concepções teóricas diferentes sob um mesmo objeto de estudo, concebidas em diferentes momentos. Fora isso, é importante frisar que essa diversidade de conceitos sobre paisagem, relaciona-se com o enfoque que o pesquisador está dimensionando em sua pesquisa, como por exemplo, numa análise ecológica pode privilegiar os aspectos naturais, quando o interesse está num inventário ambiental ou noutra situação como no caso da sociologia, num enfoque mais cultural.

Após revisitarmos o conceito de paisagem, percebemos que o mesmo assumiu diferentes concepções ao longo da trajetória de construção da ciência geográfica. Variou em função da escala de tempo e espaço, bem como a diferentes contextos socioeconômicos que emergiram. Fora isso, acreditamos

que na atualidade não existe uma Geografia que responda em sua totalidade ao estudo da paisagem, seja pela complexidade que o termo gera, pelo enfoque que o pesquisador empreende, bem como os objetivos que sua pesquisa visa atingir.

Desta forma, o estudo da paisagem responde à demanda crescente da problemática ambiental em várias escalas: local, regional e global (aquecimento, perda da biodiversidade, escassez de água, extinção de espécies, entre outros.), possibilitando o planejamento, o manejo, a conservação e a melhoria da paisagem.

Fruto da observação de elementos naturais, da cultura, mas também da percepção e atitudes, a paisagem ganha em relevância nos estudos da ciência geográfica, como atesta Holzer (1997, p. 81)

A geografia tem um termo que me parece muito mais rico e apropriado para o seu campo de estudo [em comparação ao termo meio ambiente]. Esta palavra incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o homem como agente, e não como mero espectador, imprime aos sítios onde vive. Mais do que isso, ela denota o potencial que um determinado suporte físico, a partir de suas características naturais, pode ter para o homem que se propõe a explorá-lo com as técnicas de que dispõe. Este é um dos conceitos essenciais da geografia: o conceito de "*paisagem*".

Em sua abordagem humanista, Tuan deixa claro que a paisagem não é uma entidade que está no mundo, ela é uma construção mental, uma abstração da realidade. Ver a paisagem requerer uma grande habilidade em distinguir entre o eu e o outro. É preciso ainda ter a capacidade de apreciação estética e consciência da parte, sem perder a visão do todo, pois a parte não tem limites claros.

Um das maiores preocupações de Tuan é a de que a paisagem, vista pela geografia clássica, como um retrato das culturas que ali atuaram e atuam, seja apenas uma visão parcial do todo, pois, apenas a classe dominante consegue deixar suas marcas. Entretanto, um grande número de pessoas que também produziu aquela paisagem e não deixa suas marcas. Lévi-Strauss propõe o estudo da relação entre a estrutura espacial, a organização social e as crenças. Tuan comenta que tal proposição deve ser

aceita pelos humanistas, desde que acrescida de uma avaliação das marcas que os valores e idéias da sociedade imprimem na paisagem (TUAN, 2005).

O conceito de paisagem é fugidio e complexo, sendo constructo da mente e do sentimento. Ultrapassa a perspectiva funcional, limitada, e ultrapassa também a apreciação estética. É uma organização da realidade que pode ser vista vertical e lateralmente, ou seja, objetiva e subjetivamente.

A visão vertical vê a paisagem como domínio, uma unidade de trabalho, ou um sistema natural necessário para a subsistência humana em particular e para a vida orgânica em geral; a visão vertical é por assim dizer, objetiva e calculada. [...] A visão lateral, em contrapartida, é pessoal, moral e estética (TUAN, 2005, p. 90).

Nesse sentido, o cerne da questão é que a paisagem é uma fusão de diferentes perspectivas, ela é natureza e cultura, ambiente e percepção, objetiva e subjetiva, funcional e estética. É o esforço da imaginação que deve tentar agregar essas possibilidades em um só sentido.

Paisagem é, então, um conceito vibrante e extremamente importante à geografia humanista. Ela não existe por si, mas é parte do ambiente, é passado e presente, carregando as perspectivas do futuro, é organização espacial e beleza. Entretanto, não é nada disso, isoladamente. Só se torna paisagem, à medida que a percepção e a imaginação concatenam os sentidos e as características do visível e do não visível. A paisagem, não é um lugar, a paisagem é um olhar sobre um lugar, em uma determinada escala de tempo e espaço (FIGUEIREDO FILHO, 2014).

A paisagem de Quatipuru reflete o resultado de anos de manipulação da população sobre os ecossistemas locais, que nesse caso não determinam o seu modo de vida, mas em algumas situações os condiciona. Entretanto, por se tratar de uma área de colonização bastante antiga, a relação do homem com a natureza no litoral amazônico pode ser classificada como secular, e que durante esse tempo, as populações vêm manipulando e explorando os ecossistemas locais, de acordo com suas necessidades, aprendendo sobre sua dinâmica ambiental, seus recursos naturais e assim, estabelecendo estratégias de uso e gestão dos manguezais, integrando assim essas informações ao seu modo de vida, como práticas culturais.

A planície costeira do município de Quatipuru, de característica flúvio-marinha, é integrada por um conjunto de unidades de paisagem, sendo influenciada pelos rios Quatipuru e Japerica, respectivamente a leste e a oeste do município, ambos desembocando no oceano Atlântico. Os manguezais, restingas costeiras, campos salinos, várzeas de maré e campos periodicamente inundáveis integram a unidade de paisagem, formada provavelmente no Holoceno Superior (SENNÁ, 2010).



Figura 5 – Orla da cidade de Quatipuru, onde observa-se barcos e canoas atracados ao longo da margem do rio Quatipuru. Destaca-se no conjunto urbano, a torre da igreja Matriz, juntamente com o coreto. Ao fundo, contornando o espaço urbano, os bosques de mangue adulto.

O município de Quatipuru pode ser visto como um espaço geográfico e social composto por vários “lugares”, onde vivem seus moradores. Há o “lado de cá”, o “lado de lá” e “o fundo”. Os lados são as margens dos rios e das estradas vicinais, onde se distribuem pequenas comunidades com poucas moradias. Elas também são divididas, ou separadas pelos muitos campos periodicamente inundados, ambientes que são fundamentais para a reprodução de muitas espécies de peixes e para a alimentação e reprodução de aves migratórias e atualmente, para a prática da pecuária bubalina.



Figura 6 – Diferentes paisagens da área de estudo, utilizadas pelas populações tradicionais: (A) campo salino com herbáceas, inundado por maré; (B) campo inundável com vegetação herbácea, alimentado pela água da chuva; (C) várzea de maré; (D) restinga e praia, com os ranchos de pesca; (E) manguezais e canais de maré e (F) Terra firme, com capoeiras de diferentes idades.

As representações que todos fazemos do meio ambiente em que vivemos, ou onde nos deslocamos, se exprimem ao descrevermos os itinerários, para ir de um lugar para outro. Todas as sociedades dispõem para viver, por conseguinte, de métodos graças aos quais os seus membros conseguem reconhecer, se localizar e se dirigir aos lugares. Colocamos etiquetas em cada lugar conhecido, de modo que possamos nomeá-los (CLAVAL, 2010).



Figura 7. –Os campos periodicamente inundados, comuns nas paisagens locais, apresentam atividade de bubalinocultura. A- observam-se em primeiro plano, aves residentes, forrageando, enquanto os búfalos pastam. B - Búfalos refrescando-se do forte calor nos corpos d'água lacustres, alimentados pela água da chuva, na estação chuvosa.

Os lugares normalmente levam nomes de antigos moradores (Seu Soroba), de animais (jaburu, macaco), de construções antigas (taperinha) e de acidentes geográficos (porto da mina). O fundo é a parte final, a mais distante, localizada atrás ou dentro do mangue, onde a vida é difícil, pela distância e pela grande quantidade de mosquitos (muruim, carapanã, muriçoca, mosquito pólvora, borrachudo), que em noites de lua, com chuva e sem vento, tornam a vida dos moradores quase insuportável.

## CAPITULO – 2

### **MANGUEZAIS: Caranguejos e caranguejeiros; Práticas e Representações.**

A Geografia é inicialmente construída de práticas e habilidades indispensáveis para a vida dos indivíduos e dos grupos. A geografia resulta da experiência que todos temos do mundo, logo, a geografia é um saber banal, ao alcance de todo mundo. Esse saber banal é conhecido como saberes vernaculares (CLAVAL, 2010)

Para sobreviver em ambientes tão rigorosos, é fundamental saber avaliar o valor de certa área, ou a abundância de peixes em dado momento, ou em certa parte do litoral. A sabedoria geográfica dos coletores de caranguejos de Quatipuru não é feita somente de itinerários, serve também para passar de um ponto de captura de caranguejo ao outro, de uma área de floresta de mangue à outra. Os caminhos são percorridos em todos os sentidos para observar os locais onde provavelmente as criaturas místicas vivem, juntamente com os locais, que mais possuem caranguejo-uçá. Ao longo dos manguezais, tudo é observado, não somente os acidentes geográficos que possam existir, facilitando ou dificultando a caminhada no manguezal, como também a qualidade da água. Os caranguejeiros observam tudo o que é útil para o melhor desenvolvimento de suas atividades.

É preciso conhecer bem os locais para onde ir, na captura do caranguejo-uçá; é preciso saber a época em que, depois da chuva ou não, é possível capturar com mais facilidade o caranguejo-uçá. Tudo isso constitui os saberes de uma geografia natural, porém com forte orientação pelas necessidades da vida como homem do mangue. O espaço é feito de itinerários percorridos rapidamente e de superfícies conhecidas mais ou menos intimamente, porque são úteis, sendo, por vezes, também o local de residência dos seres míticos. A todo esse conhecimento chamamos na geografia de “saberes vernaculares<sup>4</sup>”.

Os saberes vernaculares sobre os meios não tratam apenas de plantas e de animais, de colheitas, de caça e de pesca, de pecuária ou de agricultura, pondera Claval (2010). Certos conhecimentos dizem respeito ao subsolo, onde encontrar a argila para cozer tijolos; de onde tirar as pedras, ou as madeiras para construir as casas. Ao lado dos conhecimentos naturalistas, há aqueles que permitem alimentar o artesanato com fibras para tecer. Há os conhecimentos que permitem também explorar a força dos cursos d’águas para acionar os moinhos de moer farinha, de serrar toras, de tecer panos, de pilar grãos.

---

<sup>4</sup> A expressão “saber vernacular” se difunde a partir de 1990, em substituição à expressão “sabedoria popular” e se contrapõe ao “saber científico”.

## 2.1 – OS MANGUEZAIS: e o mangal de Quatipuru.

Na história da imigração do *Homo sapiens sapiens* em todas as direções, algumas regiões e áreas foram consideradas “zonas ricas”, devido à adequação maior destas, às atividades dos homens e à satisfação de suas necessidades. Nos manguezais, onde é difícil até mesmo fazer fogo por causa da umidade, as condições de vida humana são árduas e disto resulta a reputação de “terras inúteis” atribuídas a essa área, que, no entanto, constitui um ecossistema rico e produtivo (VANNUCCI, 2002).

Os manguezais fazem parte das zonas úmidas de importância internacional, definidas pela convenção RAMSAR<sup>5</sup>, em 1971, da qual o Brasil é signatário. Maciel (1991) define os manguezais:

Um sistema ecológico costeiro tropical, dominado por espécies vegetais típicas, às quais se associam outros componentes microscópios e macroscópicos da flora e fauna, adaptados a um substrato periodicamente inundado pelas marés, com grandes variações de salinidade.

Para Menezes (2009), os manguezais, que ocorrem em todas as regiões costeiras tropicais e subtropicais do mundo, podendo ser encontrados em partes do Continente americano, África, Ásia e Oceania. Caracterizam-se pelo sedimento lamacento e salino, inundado pela maré duas vezes ao dia. Sobre o sedimento, formam-se bosques de árvores, que apresentam adaptações para sobreviver à forte variação de salinidade (0-100 ups) e à inundação. Essas florestas singulares têm grande importância ecológica, porque são áreas de reprodução e atuam como berçários para várias espécies marinhas, em especial crustáceos e peixes, que encontram nas águas tranquilas e escuras, o refúgio ideal para suas larvas e filhotes.

Colocando-se tudo junto – a floresta, as águas e o solo/sedimento, não se constrói facilmente o ecossistema manguezal; é necessário muito mais para construir esse ecossistema. O ar, com sua carga de poeira, plâncton aéreo e umidade, plâncton na água, invertebrados, insetos, peixes, pássaros e

---

<sup>5</sup> Ramsar é uma cidade litorânea iraniana, foi nessa cidade que aconteceu no ano de 1971, a primeira grande conferência dedicada aos estudos sobre os manguezais.

morcegos, juntamente com odores e feromônios são também constituintes importantes do ecossistema manguezal e sobre o qual, pouco se sabe. Há também todos esses constituintes que compõem a flora e a fauna, ocultos na matéria orgânica em decomposição, integrando as águas intersticiais que adentram ao solo, em cada maré, com as bactérias e os fungos, o limo e outros bolores; há também visitantes ocasionais e espécies ariscas, que se escondem ao menor distúrbio, não estando sempre visíveis. As populações de diferentes espécies de organismos interagem entre si e com os componentes não-vivos do ambiente, criando um todo coerente e funcional, sendo a interação dinâmica de suas diferentes partes, pondera Vannucci (2002).

Os ecossistemas costeiros, especialmente os manguezais, acompanham a história de nossa civilização, marcados pelas condições sociais das populações que os utilizaram e ainda utilizam. Fundamentais para as populações tradicionais do litoral, os manguezais refletem sempre a abundância, enquanto seus recursos forem deixados livres para se multiplicarem, ou caso contrário a escassez, portanto, estão entre os mais importantes ecossistemas do nosso planeta.

Concordamos com Vannucci (2002), que o melhor meio de viajar e trabalhar nos manguezais é por meio de canoas a remo, essas canoas podem alcançar extensos trechos à montante dos riachos, furos e canais de maré, sendo as canoas tradicionalmente confeccionadas de tronco de árvores, as melhores; essas canoas nos manguezais do salgado paraense são conhecidas como “casco”.



Figura 8 – Cascos, canoas e ou montarias utilizadas pelos caranguejeiros no interior do bosque de manguezal.

Quando a canoa é parada para trabalhar bem no coração dos manguezais, fica-se perplexo com a intensidade de vida que se sente ao redor, além é claro, das moscas, mutucas e mosquitos. O silêncio é incrível, de grande repercussão visual e auditiva, tão majestoso quanto uma grande cerimônia, e instintivamente o homem se adapta a ele.



Figura: 9 – Interior do bosque de manguezal na maré alta (preamar).

Na verdade, tenho a impressão, a partir de observações de campo, que o povo dos manguezais não é de falar muito “quando estão nas atividades

extrativistas”; os homens e mulheres com quem trabalhamos em Quatipuru contavam as histórias da fauna e da flora em voz baixa, com respeito. Essas histórias que nos contaram, certamente, foram o resultado condensado de uma longa tradição oral baseada nas observações de inúmeras pessoas que viviam e ainda vivem como parte de seu ecossistema e precisavam ter um bom conhecimento desse seu mundo para sobreviver. Talvez o baixo tom fosse para não perturbar os espíritos, que certamente existem, não só nesse, como em outros manguezais espalhados pelo mundo. A bondade dos espíritos, é que permite aos homens explorar a generosidade do ecossistema e os protege contra os perigos.

A estrutura do ecossistema manguezal é determinada não só por fatores físicos e químicos, mas também pela posição biogeográfica e pelas espécies de plantas e animais disponíveis para colonizar a área. Ao analisarmos a estrutura contemporânea do ecossistema manguezal, devemos estar atentos à história do elemento humano na área. As áreas exploradas e colonizadas pelo homem por longos períodos, séculos ou mesmo milênios exibem invariavelmente as conseqüências do uso que o homem fez dos manguezais, essas conseqüências aparecem nas transformações observadas nas paisagens locais. Enquanto as áreas pouco exploradas, ou o foram apenas por curtos períodos, não tendo sido exposto a uma exploração muito intensiva, podem ser classificados como ecossistema “manguezal intacto”, sem muita ou nenhuma alteração na paisagem.

O litoral do nordeste paraense, ou região do salgado paraense abriga uma parcela significativa dos manguezais brasileiros, que associados aos bosques de manguezal do Amapá e do Maranhão, perfazem um dos maiores, se não o maior conjunto de manguezais contínuos do planeta (SOUZA FILHO, 2004), o que confere ao espaço litorâneo paraense, uma significativa riqueza em recursos naturais para os mais variados usos, afirma Prost (2013). É justamente nessa faixa do litoral do salgado paraense, que está localizado o município de Quatipuru.

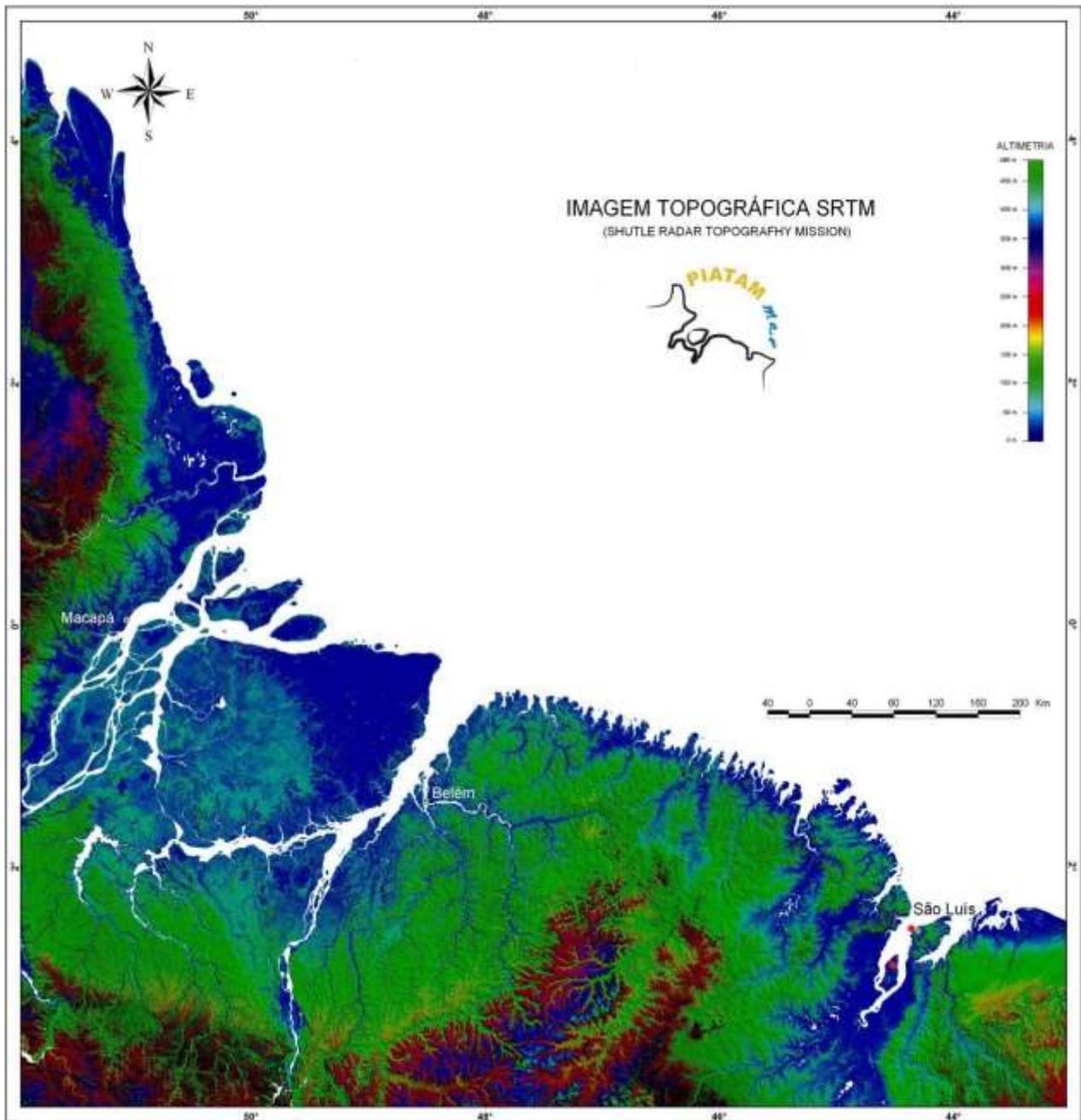


Figura 10 – Carta imagem destacando o litoral amazônico, do Amapá ao Maranhão, incluindo aí a área em estudo que é o município de Quatipuru no litoral nordeste do Estado do Pará (SOUZA FLHO, 2004)

Os manguezais da Amazônia, dos quais os manguezais de Quatipuru fazem parte, formam verdadeiras florestas, cujos inventários biológicos revelam árvores com até 30 metros de altura (MENEZES, 2009). A extensa área de ocorrência desses manguezais, juntamente com o grande porte de suas árvores, provavelmente resultam de fatores como a grande amplitude das marés, na faixa equatorial, juntamente com a presença de uma costa abrigada devido ao seu recorte fisiográfico, com atenuação de ondas e correntes, propiciando assim, condições ideais para o desenvolvimento desse ecossistema.

Apesar do tamanho das árvores e da exuberância de seus bosques, as principais espécies arbóreas encontradas nos manguezais do litoral paraense, adaptadas ao sedimento extremamente úmido e salobro ou salino, são o mangueiro ou mangue-vermelho (*Rhizophora mangle* L.), o mangue-siriba, siribeira ou mangue-branco (*Avicennia germinans* L. Stearn) e a tinteira, tinta ou mangue-preto (*Laguncularia racemosa* L.).

O mangueiro dominado por espécies do gênero *Rhizophora* destaca-se por seus caules, que prolongam-se dos troncos e galhos em direção ao solo, em forma de arcos e auxiliam na sustentação da árvore. A siribeira, com dominância de espécies do gênero *Avicennia*, caracteriza-se pela presença de raízes com assimetria positiva, saindo da lama, em forma de pequenas protuberâncias verticais, também conhecidas como raízes pneumatóforas, que buscam oxigênio, não encontrado no solo anóxico. A tinteira, com dominância de *L. racemosa*, também apresenta pneumatóforos, sendo facilmente reconhecida pelo pecíolo vermelho das folhas (MENEZES, 2009).

Muitas aves freqüentam os manguezais de Quatipuru, merecendo destaque a garça (*Ardea alba*), o guará (*Eudocimus ruber*), e diversas outras espécies de maçaricos. Mamíferos também moram ou visitam os manguezais em busca de alimentos, destacando-se o guaxinim (*Procyon cancrivorus*), o macaco-prego (*Cebus apella*), cuícas e morcegos. Moluscos e crustáceos cumprem seu ciclo de vida nos manguezais, embora diversos peixes o façam parcialmente.



Figura: 11 – Destacando as três espécies arbórea, encontrada nos manguezais do município de Quatipuru: A - mangueiro ou mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*); B - mangue-siriba, siribeira ou mangue-branco (*Avicennia germinans*) e C - tinteira, tinta ou mangue-preto (*Laguncularia racemosa*).

Sabe-se, no entanto, que os manguezais são ecossistemas altamente especializados, em função das grandes variações de maré, salinidade e pluviosidade, esta última com duas estações bem marcadas: a estação chuvosa e a estação seca. Os manguezais são também muito produtivos, cujos bens e serviços ambientais são de grande valor para a sociedade como um todo e particularmente, para as comunidades litorâneas, que nada pagam pelo recurso natural, principalmente alimentar, reforçando, falsamente, a noção de “gratuidade, pelo fato dos manguezais serem considerados áreas públicas, cujos recursos naturais alimentares têm acesso livre e aberto para atividades como a pesca, a catação de caranguejos, etc” (DIEGUES, 1999).

Assim, as práticas cotidianas de obtenção dos recursos do mangue, como a coleta do caranguejo-uçá pelas comunidades litorâneas, desde a Pré-História, têm forjado seus modos de vida, suas espacialidades e suas mentalidades no convívio com essa diversidade ambiental, graças ao conhecimento integrado de crenças e práticas adquiridas e repassadas de geração em geração (FURTADO, 2011).

## 2.2 – OS USOS: manguezais de Quatipuru.

Nas leituras de Claval (2010), compreende-se que nem todos os espaços têm caça, nem todas as águas são piscosas, nem todos os pastos são gordos, nem todas as terras são férteis; os indivíduos e os grupos cobiçam as áreas onde seus esforços serão mais bem recompensados. Como nem todos podem apossar-se das terras mais produtivas, aprendem a dividi-las. Alguns obtêm o direito de usar seus pastos na estação chuvosa, em parte para os plantios; outros, deixar seu gado pastar ali na estação seca, quando o capim está mais alto. Em outros lugares, pessoas se tornam proprietárias de uma terra sobre a qual exercem permanentemente o direito de pleno gozo. Devemos incorporar às práticas, as habilidades e técnicas relativas ao maior domínio do meio ambiente e aos seus processos ecológicos, pois os usos e regras que tratam dos direitos de uso ou de propriedade têm uma dimensão geográfica, na construção da paisagem e do lugar.

Os manguezais e os homens têm uma longa história de interação, onde Vannucci (2002) pondera:

O homem começou a utilizar os manguezais como ecossistemas, lugar para viver e como fonte de alimentos e da lenha para cozê-los; os manguezais também eram usados como refúgios e como fortalezas que não podiam ser sitiadas. Na verdade eram fortalezas, resistindo valentemente ao assalto humano até que chegassem os poderosos meios de destruição do século XX, destinados à guerra e ao “desenvolvimento” (p. 122).

Tradicionalmente, o ecossistema era utilizado de diversos modos; por exemplo, as marés eram usadas como um meio barato para eliminar os resíduos, os canais eram usados para ir e vir e partes dos bosques eram deixados de lado, como “bosques sagrados” a serem mantidos indefinidamente intocados, como sábias e eficientes “reservas da biosfera”.

Após observar os manguezais e gerenciá-los como ambiente para viver, se não em seu interior, pelo menos em sua borda, o homem passou a usar empiricamente o conhecimento adquirido. Na verdade, o homem não teria sido capaz de habitar os manguezais, se não tivesse aprendido como melhor utilizá-los e preservá-los, tanto na sua totalidade, como em seus componentes, conclui Vannucci (2002).

O manguezal é um verdadeiro reservatório de recursos naturais para uso doméstico, de onde são coletados animais, madeiras, folhas, etc. O homem precisou desenvolver diferentes técnicas e métodos de captura de presas, ou de colheita de produto dos bosques de mangue no tempo certo e da maneira costumeira. É grande a semelhança de hábitos dos habitantes de manguezais e entorno, observado em diferentes partes do mundo; e isso tem continuidade, mostrando que a capacidade de adaptação a situações comparáveis, induzindo ao desenvolvimento de ferramentas e hábitos semelhantes.

No período recente, pondera DIEGUES (1999), tem aumentado bastante a demanda de madeira de mangue para a construção civil em áreas situadas fora dos estuários. Essa atividade, ainda que realizada por pessoas que tradicionalmente vivem do mangue, é induzida por interesses econômicos externos a essas comunidades e tem contribuído para a degradação desse

ecossistema. Ocorre também a diminuição dos estoques de peixes, camarão, caranguejos, que privam dos meios de subsistência, inúmeras comunidades humanas que vivem da exploração desses recursos naturais renováveis. A extração e venda de madeira de mangue significa frequentemente uma tentativa desesperada de inúmeras comunidades litorâneas de sobreviver numa situação de pobreza e miséria. Essa situação extrema ocorre, mesmo que se tenha consciência de que o corte indiscriminado das árvores de mangue possa levar à inviabilização de outras atividades, que dependem da cobertura vegetal, destacando-se a coleta ou captura de caranguejo.

As áreas de manguezal do litoral da Amazônia, onde estão incluídos os mangues de Quatipuru, foram utilizadas pelos indígenas, antes mesmo da chega dos colonizadores portugueses, como atestam os depósitos conchíferos, conhecidos como sambaquis (FURTADO, 2013), espalhados na região e também encontrados pelo litoral brasileiro. Com a chegada dos colonizadores europeus, experientes na exploração dos manguezais da África e da Ásia, e depois, com a chegada de escravos, o uso dos manguezais brasileiros intensificou-se, chegando à sua completa destruição, muitas vezes.

A extração de taninos, substâncias presente na casca das árvores, empregadas para curtir couros, tingir tecidos e usado na medicina popular e o corte das árvores para lenha, para a fabricação de carvão vegetal e para a utilização da madeira na construção de casa, foram algumas das primeiras e principais utilizações dos manguezais na região.

A população de Quatipuru também utiliza os recursos dos manguezais para sua subsistência e para obter renda. As árvores são utilizadas como combustíveis convertidos em lenha ou carvão, bem como na construção de casas ou cercas de quintais, pois sua madeira oferece em geral alta resistência à degradação. Os propágulos e as raízes das árvores de mangue são usados, em formas de chá, como remédio contra a diarreia. A casca e as folhas da siriúba são queimadas, servindo como repelente aos insetos que se encontram em grande quantidade nas proximidades do mangue, durante a lua cheia e nova e nas noites chuvosas. Os moluscos (mexilhões, ostras e turus) e

crustáceos (camarões, siri e principalmente o caranguejo-uçá<sup>6</sup>) figuram entre os mais explorados. A pesca de peixe por captura nos manguezais também é bastante praticada na região.

Até o momento, provavelmente por causa das grandes distâncias e das dificuldades de acesso, os manguezais da Amazônia e em especial os manguezais de Quatipuru ainda podem ser considerados bem preservados, se comparados aos outros manguezais de outras regiões do Brasil e do mundo. No entanto, afirma Menezes (2009), mesmo na Amazônia, os manguezais começam a perder espaços para a crescente e desordenada expansão urbana costeira, para o aumento do turismo e para a construção de estrada. A abertura de estradas em áreas de manguezal beneficia o acesso a cidades e vilas antes isoladas, mas interrompe a circulação das marés e traz outros riscos, como o atropelamento de animais silvestres.



Figura: 12 - rodovia PA 446, construída sobre o manguezal, ligando a cidade de Quatipuru a Vila de pescadores de Boa Vista

Com isso, se altera uma relação básica e tradicional entre inúmeras comunidades humanas litorâneas. Diegues (1999), afirma existir uma verdadeira *civilização do mangue*. Trata-se, então, de um verdadeiro *modo de*

---

<sup>6</sup> O caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) é muito explorado nos manguezais de Quatipuru e será abordado bem mais detalhado no próximo tópico.

*vida* em que atividades econômicas, sociais e culturais dependem fundamentalmente da existência do mangue e dos ciclos biológicos que aí se desenvolvem, envolvendo os peixes e caranguejos, os ritmos das marés, etc.

Nessa *civilização do mangue*, como é o caso das populações de coletores de caranguejos de Quatipuru existe um conhecimento aprofundado do ecossistema, onde a madeira somente é retirada em certas fazes da lua e onde o caranguejo não é retirado em seu período de reprodução ou defeso, etc. A miséria crescente dessas comunidades e a desorganização de seu modo de vida por uma integração perversa com a economia capitalista, se refletem nas transformações da paisagem local e nas transformações do modo de vida dos coletores de caranguejos.

Os componentes geográficos oriundas de práticas indispensáveis a qualquer vida social compreendem tudo aquilo que torna possível habitar a Terra e aí se instalar. Os saberes vernaculares das populações coletoras de caranguejos são sempre marcados pelos seus próprios interesses: eles visam responder às necessidades da vida, ou do exercício do poder. As combinações de atividades e seus usos estão embasados num conjunto de conhecimentos e práticas, que são provavelmente, os responsáveis pelo relativo grau de conservação de muitos dos recursos naturais de Quatipuru, pois esses conhecimentos tradicionais e suas práticas culturais estão embebidos de um longo e profundo conhecimento dos processos ecológicos locais.

Em lugares onde o modo de vida tradicional ainda se mantém presente, a população combina atividades da pequena agricultura de subsistência, extrativismo vegetal, pesca, caça, artesanato (DIEGUES, 1999). Quatipuru também não foge dessa lógica, pois sua população de coletores de caranguejo combina todas essas atividades citadas por Diegues, com o intuito de complementar a atividade principal que é a coleta e o beneficiamento do caranguejo-uçá.

### 2.3 – O caranguejo-uçá, *Ucides Cordatus* (LINNAEUS, 1763)

Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser, caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama... quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. (CASTRO, 2007; p. 26).

A coleta ou captura do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*, Linnaeus, 1763) é a principal forma de utilização dos recursos dos manguezais da costa do salgado paraense, entre o município de São Caetano de Odivelas à Fernandes Belo, integrante do município de Viseu, na divisa do Estado do Pará com o Maranhão.

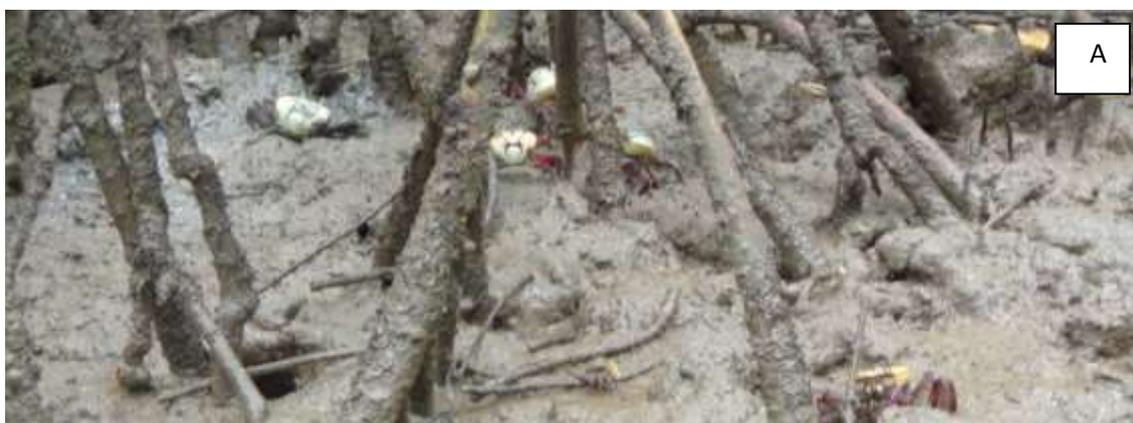


Figura 13: A - O caranguejo-uçá, *Ucides Cordatus* (LINNAEUS, 1763) em seu ambiente natural; B – O caranguejo-uçá fora de seu ambiente natural, onde foi possível melhor observar sua morfologia.

O caranguejo-uçá é o morador permanente desse ambiente anóxico e inóspito, porém contribui significativamente, na criação de condições de vida para a flora e a fauna do mangue. Os caranguejos, ao fazerem suas tocas, revolvem o solo mais profundo, oxigenando e redistribuindo nutrientes, que depois serão levados para o mar com as cheias e vazantes da maré.

O caranguejo-uçá é uma espécie semi-terrestre, que habita as porções altas das zonas entre-marés do ecossistema manguezal, vivendo em tocas escavadas no substrato lamoso, com variações de profundidade de 0,6m a 1,6m (SILVA, 2008). Durante a maré alta, os caranguejos permanecem no interior das galerias e somente na maré baixa, saem à procura de alimentos e realizam a limpeza das tocas, retirando todo o excesso de substrato introduzido em seu interior durante a maré enchente (PINHEIRO e FISCARELLI, 2001).

A distribuição do crustáceo dá-se ao longo da costa leste atlântica do continente americano, desde a Flórida, nos Estados Unidos da América, passando pela América Central e Caribe, até o Estado de Santa Catarina no Brasil, situada na América do Sul (MELO, 1996), incluído o litoral amazônico.

O caranguejo-uçá tem um papel fundamental na manutenção do equilíbrio do mangue. Alimentando-se principalmente de folhas que caem das árvores do mangue, ele devolve para o ambiente a matéria orgânica rica em nutrientes. E não é apenas consumindo as folhas, que o caranguejo-uçá colabora no enriquecimento do mangue, mas também fazendo um estoque de folhas nas galerias. Assim, a matéria orgânica fica retida no manguezal e não se perde quando a maré vaza e as águas começam a baixar.

A diminuição do número de caranguejo-uçá pode tornar inviável a vida de outras espécies da fauna do mangue. Toda a cadeia alimentar depende da atividade destes crustáceos, e a degradação dos mangues, levando à extinção local das populações desse caranguejo, causando a destruição desse ciclo, em que a atividade da pesca é umas das principais atividades afetadas.

Soatá, a “andança” do caranguejo, também chamada andada, carnaval, sanata ou ata, dependendo da região, ocorre entre os meses de dezembro a março, época em que as chuvas provocam um choque salino no manguezal e sob a influência da lua e das grandes marés, os caranguejos, que parecem embriagados, envolvem-se no processo reprodutivo (FERNANDES,

2008). Atordoados, saem de suas tocas e se põem a vagar em todas as direções. É o tempo do "cio", quando os pequenos crustáceos perdem a proteção e se deixam conduzir apenas pelo instinto da reprodução. Uma andada dura de três a quatro dias, conforme a espécie e a região.

Em todo o Brasil destacam-se, na produção de caranguejos, a região do Salgado ou Nordeste do Pará; o delta do Parnaíba, entre Maranhão e Piauí; o litoral do Estado de Sergipe; as baías de Guanabara e de Sepetiba, no Rio de Janeiro; e o manguezal de Iguape e Cananéia, no litoral Sul do Estado de São Paulo.

#### 2.4 – CARANGUEJEIROS: na lama, a dura batalha.

Os homens, apressados, levando o seu almoço numa latinha debaixo do braço; as mulheres, mais lentas, arregaçando suas saias, procurando lugares mais enxutos onde pisar, pulando com cuidado as poças de lama, com um certo horror da água fria. A meninada solta também vai caindo no mangue. Os menores nus, os maiorzinhos com qualquer trapo cobrindo-lhes o sexo, mas todos atolando na lama com gosto, sem nenhuma cerimônia, para pegar caranguejo. Com o corpo a descoberto, indiferentes ao frio da água e às picadas dos mosquitos que zumbem famintos por entre as folhas gordas dos mangues. (CASTRO, 2007; p. 28).

No Brasil, em todas as regiões de mangue existem pessoas que vivem da cata, captura ou coleta do caranguejo-uçá, para vender aos bares e restaurantes do litoral ou aos atravessadores, que comercializam o produto nos grandes centros. São os chamados catadores de caranguejo, que entram no mangue na vazante, com a maré baixando, deixando as tocas descobertas.

Os catadores entram no manguezal, vestidos com roupas velhas, geralmente adentrando a partir de pequenos canais que denudam a área, em uma pequena canoa a remo. Para uma pessoa que nunca viu um manguezal, à primeira vista ele parece um labirinto, com canais e raízes de suas árvores características, com abundantes raízes-escora e pneumatóforos adaptados à oscilação da maré. Neste ambiente, só mesmo quem o conhece bem sabe como entrar e sair sem ter algum tipo de problema, tais como: cortes nos pés, braços e pernas causados por troncos, raízes e galhos em decomposição, e

ostras, quedas, acidentes com causadas por animais que estão de passagem ou em busca de alimentos, entre outros.



Figura: 14 – caranguejeiros em sua canoa, remando contra a corrente de maré na vazante, em direção ao interior do manguezal.

Depois de remar contra a maré que está baixando, é hora de ir atrás dos caranguejos enterrados na lama. Durante a "cata" ou coleta, o caranguejeiro enlameado tem de enfrentar um outro desafio, vencer as nuvens de mosquitos (maruins), carapanãs, borrachudos e a dolorida mutuca, insetos abundantes, típicos do ambiente. O caranguejeiro tenta proteger-se desses insetos passando no corpo uma mistura de óleo e querosene, que exala um terrível mau cheiro. Além disso, ele deve ter o máximo de cuidado com as raízes, onde se incrustam ostras, que, com frequência, ferem suas mãos, braços e pernas.

Outro problema que se observa na atividade da cata de caranguejos é decorrente da entrada de caranguejeiros de outras regiões, percorrendo longas distâncias, criando tensões, devido à rivalidade entre os caranguejeiros locais, aumentando assim, a densidade de captura do recurso, podendo acarretar forte desequilíbrio às populações de caranguejo-uçá, pois a atividade deve ser exitosa, com boa produção, nem que para isso, infrinjam a legislação,

utilizando outros aparatos, considerados extremamente danosos à boa saúde do manguezal.



Figura: 15 – caranguejeiro em sua labuta diária no interior do bosque de manguezal; destaque para um apetrecho (gancho) em uma mão e na outra mão um saco para colocar o caranguejo capturado. Também podemos observar um cigarro em sua boca; esse cigarro é conhecido como porronca, o mesmo não é industrializado e é feito de tabaco enrolado em papel.



Figura 16: A e B, ambas destacam o coletor de caranguejo ou caranguejeiro em seu ambiente de trabalho.

Os relatos dos caranguejeiros de Quatipuru, atualmente, apontam para um crescente desequilíbrio generalizado nas populações do caranguejo-uçá, fato que tem levado alguns caranguejeiros locais a coletarem caranguejos nos manguezais do vizinho município de Tracuateua.

Em todo o litoral brasileiro, e em especial em Quatipuru, as populações tradicionais de caranguejeiros vivem quase que exclusivamente dessa atividade de coleta. São pessoas que dependem do meio ambiente para a sua

sobrevivência e que, por isso mesmo, com ele interagem, respeitando seus ciclos naturais. Conhecem tão bem os caranguejos, que sabem diferenciá-los por espécie, idade e sexo. Mas há também os catadores esporádicos, ou melhor, predadores esporádicos, vindos de outras profissões, que se dedicam à cata na época da andada, quando se realiza o acasalamento.

Ao contrário do que poderiam pensar, os coletores de caranguejo-uçá apresentam certa mobilidade espacial, mudando-se de um lugar para outro, no contexto da região bragantina, como também dentro do salgado paraense. A mobilidade dentro da região dá-se através de processos migratórios e dos casamentos, pelos quais geralmente a esposa deixa sua família e vai morar com a família do esposo, muitas vezes famílias inteiras mudam de um local para outro. Observou-se também que a saída da família do irmão mais velho, colabora para a desestruturação da vida familiar dos outros irmãos, que permanecem no lugar, mudando lentamente para outros “lugares”, onde moram outros parentes.

A média de idade para constituir família, entre os coletores de caranguejos, varia de 15 a 25 anos. Atualmente, a média de filhos por casal constituído por famílias mais jovens é de 3,5 filhos, enquanto nas famílias mais velhas, a média de filhos é geralmente superior a 6; quase em sua totalidade os coletores de caranguejos estudados nasceram no município de Quatipuru. Já em relação ao nível de escolaridade, a maioria esmagadora é composta por indivíduos semi-analfabetos e analfabetos.

Quatipuru tem duas religiões dominantes: a Católica e a Protestante, constituída por fies da Assembléia de Deus, são poucos os “crentes” entre os coletores de caranguejos estudados. Muitos professam o catolicismo, praticando sua fé, baseado no sincretismo religioso, portanto, realizam em algum momento, as práticas advindas do candomblé.

Segundo dados preliminares da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Quatipuru, o município possui aproximadamente 1000 (um mil) coletores de caranguejos ou caranguejeiros como são também conhecidos; porém, aproximadamente 300 (trezentos) destes vivem quase exclusivamente dessa atividade. Em média, todos os dias se embrenham nos manguezais locais, cerca de 300 caranguejeiros e cada um captura em média 150 caranguejos por

dia, durante 5 dias da semana. Os domingos e as segundas-feiras são os dias destinados ao descanso e ao convívio com familiares e amigos.

Portanto, são capturados diariamente aproximadamente 45.000 (quarenta e cinco mil) caranguejos nos manguezais de Quatipuru, 225.000 (duzentos e vinte e cinco mil) por semana, 900.000 (novecentos mil) por mês e 10.800.000 (dez milhões e oitocentos mil) caranguejos por ano.

Em busca de estratégias de ação comuns à todos, os coletores de caranguejo-uçá de Quatipuru estão se organizando em associações; como por exemplo, a Associação dos Extrativistas e de Agricultores Familiares de do Município de Quatipuru – AEXQUAT. A entidade de classe tem por princípios fundamentais: a solidariedade, a democracia e a cooperação, princípios construídas para organizar, coordenar, proteger e defender os interesses de todos os associados.

## 2.5 – AS PRÁTICAS SÓCIO-CULTURAIS: a coleta e o beneficiamento do caranguejo.

Por outro lado, o povo vive de pegar caranguejo, chupar-lhes as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. (CASTRO, 2007; p. 26, 27).

Sabe-se que os manguezais por serem ecossistemas altamente especializados e produtivos, geram renda através de bens e serviços de grande valor para a sociedade como um todo, e em particular, para as populações tradicionais litorâneas, que usam desde muito tempo, seus recursos naturais. Os manguezais são considerados áreas públicas no Brasil com livre acesso para atividades como a pesca, a catação de caranguejos, etc. já mostrado por Diegues (1999).

É importante ressaltar, no entanto, que essa região, sofre, desde muito tempo, um amplo e profundo processo de mudanças e sobretudo de vinculação maior à economia capitalista de mercado e que essa articulação passa a demandar determinados recursos naturais (e não outros) numa intensidade nunca antes vista. É o caso da coleta ou captura do caranguejo-uçá que

passou a ter um crescente valor de mercado. Essas novas demandas têm provocado impactos não somente sobre a intensidade da coleta e do uso, mas também sobre as tecnologias patrimoniais, algumas das quais foram substituídas por outras, menos seletivas e mais predatórias. Trata-se, portanto de processos pelos quais o consumo, com valor de uso é substituído pelo mercado, com valor de troca, conclui Diegues (1999).

Grande parte do contingente populacional de Quatipuru enquadra-se na classificação de populações tradicionais, segundo Diegues (1992):

Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com pouca ou nenhuma acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil é o conhecimento que os produtores tem dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse “know-how” tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não tem outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequeno. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de varias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante sua cultura, uma idéia expressa no Brasil pela palavra “respeito” que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade (p. 142).

Diegues (1999) também lista outras características das culturas e das sociedades tradicionais:

- a) Dependência e até simbiose com a natureza, dos ciclos naturais e dos recursos naturais renováveis, a partir do quais constroi um “modo de vida”;
- b) Conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral;
- c) Noção de “território” ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;

- d) Moradia e ocupação desse “território” por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam deslocar-se para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) Importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de “mercadorias” possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica em uma relação com o mercado;
- f) Reduzida acumulação de capital;
- g) Importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco, ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) Importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;
- i) A tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
- j) Fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- k) Auto-identificação, ou identificação pelos outros, de pertencer a uma cultura distinta das outras;

Um aspecto relevante na definição de cultura tradicional é a existência do manejo dos recursos naturais marcada pelo respeito aos ciclos naturais, à sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e de plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentados dos ecossistemas naturais (DIEGUES, 2008).

Um dos processos desorganizativos dessas culturas reside na globalização ou organização cultural produzida pelo capitalismo e pela sociedade de massa. Afirma Peet (1986):

O desenvolvimento do capitalismo, como sistema econômico mundial dominante tem sido concomitante com a difusão de sua cultura em todas as regiões do globo. Milhares de interações fizeram naufragar culturas locais e regionais, relacionadas com o meio ambiente local e modo de vida, pelo poder da cultura internacional fundada na dinâmica do capitalismo. Há várias dimensões resultantes dessas interações. A cultura capitalista absorveu elementos das culturas regionais que encontrou. Sua concepção de paraíso na terra é marcada intensamente pelo encontro com os polinésios nas ilhas intocadas do Pacífico. O capitalismo e as culturas regionais se fundiram em culturas sintéticas – por exemplo, a cultura japonesa contém fortes elementos da versão particular do passado feudal das ilhas. Mas um tema contínuo, que perpassa virtualmente todas as discussões entre as culturas do mundo capitalista e das não-capitalistas do Terceiro Mundo, é o poder penetrante da primeira e a transformação da segunda. (p. 150).

Esse fato coloca uma questão importante na discussão: a mudança social. As culturas tradicionais não são estáticas, estão em constante mudança social, seja por fatores endógenos ou exógenos, sem que por isso deixem de estar inseridas em um modo de produção que denomina de pequena produção mercantil. A assimilação de determinados padrões de consumo da sociedade capitalista nos países capitalistas periféricos não significa necessariamente mudança radical de padrões culturais básicos, uma vez que toda cultura tem capacidade de assimilar elementos culturais externos (DIEGUES, 2008).

As populações tradicionais que são ligadas aos manguezais de Quatipuru, na região Bragantina, ou no litoral do salgado paraense, também conhecido como litoral da Amazônia ou litoral norte do Brasil, não fogem a essa lógica. Há décadas, séculos e até milênios, o homem vem realizando mudanças, permanecendo e (co)existindo em harmonia ou não com a natureza.

Em Quatipuru, sobretudo, os casos de confronto de dois “saberes”, o saber vernacular ou tradicional e o moderno científico tornam-se quase excludentes. De um lado, está o saber acumulado das populações tradicionais, sobre os ciclos naturais, a reprodução e a migração da fauna, a influência da lua, das marés e das chuvas nas atividades de coleta e beneficiamento do caranguejo-uçá. Do outra parte, há o conhecimento científico, oriundo de um tipo de ciência positivista, que no contexto de seus paradigmas, não dá lugar ao conhecimento considerado, de senso comum, portanto não científico.

Portanto, o desconhecimento das práticas do saber tradicional está relacionado, de um lado, com a aplicação de paradigmas de ciência positivista e reducionista, em confronto com as características da produção e reprodução do saber popular dentro das próprias comunidades tradicionais (DIEGUES, 1999). Esse saber está de um lado imerso em práticas e técnicas tradicionais de manejo do mundo natural e, nesse sentido, é marcado pela sua aplicabilidade prática, como é o caso do saber embutido na captura do caranguejo.

As atividades ligadas à coleta de caranguejo-uçá, abriram uma nova dimensão na representação social e cultural dos moradores de Quatipuru, sobretudo porque passou a envolver, além de toda a estrutura familiar que no seu conjunto, passou a explorar esse recurso; como também fez surgir um outro ator social, a partir da geração de um outro sistema de trabalho, bastante distinto de outras atividades consideradas como tradicionais. Os coletores de caranguejos e suas famílias passaram a ser explorados por outros grupos que são conhecidos como os atravessadores.

A captura do caranguejo passou, desse modo, de atividade de subsistência para uma atividade mercantil, principalmente após a introdução da catação, a qual criou uma classe de trabalhadores exclusivos dessas atividades que são as catadoras e os catadores de caranguejos. As observações de campo mostraram que a inserção da família nessas atividades cresce a cada dia, impulsionado pelo aumento populacional, que não encontra outras atividades no município para absorver essa mão-de-obra, juntamente com a demanda garantida para a exploração desse recurso. O escoamento da produção é feito pelos atravessadores – marreteiros que conseguem auferir renda significativamente superior à dos tiradores e catadores, visto que compram toda a produção de vários catadores.

O beneficiamento do caranguejo é realizado no município. Porém, não existe uma estrutura adequada para o beneficiamento, que é feito de forma artesanal, em cima de mesas de madeira, ou em pequenas tábuas sobre o chão no interior das residências, ou ainda em pequenos galpões cobertos de palha. As mulheres e as crianças envolvidas nesta prática, não trabalham sequer com luvas ou protetores de cabelos, muitas vezes nem lavam as mãos

antes de manusear o caranguejo. Os pedaços das carapaças são amontoados no chão, atraindo moscas que ficam sobrevoando o local e pousando na carne já tirada. Algumas mulheres costumam catar o caranguejo fumando cigarro, o que é totalmente inadequado, pois as cinzas do fumo entram em contato com o alimento, certamente contaminando-o. Ainda segundo os relatos dessas profissionais, elas nunca receberam nenhum tipo de informação referente às práticas de beneficiamento.

As culturas tradicionais decorrentes de pequena produção mercantil não se encontram isoladas no Brasil (DIEGUES, 2008). Essa maior ou menor dependência do modo de produção capitalista, por outro lado, tem levado a um maior ou menor grau de desorganização das formas pelas quais o pequeno produtor trata o mundo natural e seus recursos. Mostrando como essa articulação crescente entre ambos leva a uma transformação do mundo natural em mercadoria.

Segundo Diegues (2008, p 99):

Entretanto, deve-se afastar a imagem do bom selvagem que frequentemente conservacionistas românticos atribuem aos povos tradicionais. A expansão de economias de mercado baseadas em alta produtividade e consumo se deu, com maior ou menor intensidade, em todas as regiões da Terra, com efeitos negativos e habitualmente devastadores sobre as populações humanas que mais dependiam e habitavam ecossistemas frágeis (florestas tropicais, savanas, mangues), causando, ao mesmo tempo, empobrecimento social e degradação ambiental. Em muitos casos, sistemas tradicionais de manejo altamente adaptados a ecossistemas específicos caíram em desuso, seja pela introdução de economia de mercado, seja por substituição por sistemas chamados “modernos” impostos de fora das comunidades. A pauperização dessas populações tradicionais como frutos desses processos, e muitas vezes a miséria extrema, associada à perda de direitos históricos sobre áreas em que viviam, tem levado muitas comunidades de moradores a sobre explorar os recursos naturais.

É evidente que uma articulação (dependência) maior ou menor com a sociedade global capitalista tem efeitos desorganizadores sobre a pequena produção mercantil. Hoje, pode-se dizer que no Brasil, todas as comunidades tradicionais se encontram articuladas e dependentes da formação social capitalista, pondera Diegues (2008). Em alguns casos, essa convivência é vivida no dia-a-dia pelos indivíduos inseridos na pequena produção mercantil.

Muitos saem de seus povoados para trabalhar na cidade, numa empresa rural capitalista, ou num barco de pesca empresarial capitalista, mas retornam posteriormente como produtores autônomos, comprando, por exemplo, seu próprio barco de pesca onde trabalha com suas famílias. Em outros casos, há resistência maior à penetração das relações sociais capitalistas, com a organização de movimentos sociais, com é o caso dos caranguejeiros associados na AEXQUAT, que lutam com o intuito de preservar e manter as qualidades desse lugar chamado de Quatipuru.

Para MELLO (2012), os seres humanos carregam os seus lugares e esses vicejam no contágio e na interação estabelecida, não importando se aqui, ali, acolá. Em suma, convém ressaltar, uma torrente de lugares traça seu sulco no íntimo das pessoas, por intermédio de comemorações festivas, no dia a dia, em meio aos dramas vividos, ou mesmo por intermédio de uma obra de arte. O lugar transcende à materialidade, não está dissociado desta, pois aos objetos, os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos. A geografia está preocupada com a organização do espaço. Os geógrafos da corrente humanista não negam tal perspectiva e retrabalham o conceito de lugar, a partir do sentimento e do entendimento, apontando a sua multidimensão e às diversas vias para sua compreensão.

Como destacado por Cosgrove (1998), “a geografia está em toda parte” e finalizando com o raciocínio defendido neste trabalho – e em todas as pessoas. Trata-se como se sabe de um canal negligenciado pelo saber geográfico. Contudo, o mundo vivido prossegue a partir dos indivíduos e dos grupos sociais, e novos espaços e lugares continuam sendo descortinados.

## **CAPITULO – 3**

### **A VIDA DO LUGAR: sentido pelos caranguejeiros**

O Homem não é um espírito que plaina acima das coisas e do mundo. Ele tem um corpo, que se insere num meio ambiente. Ele vive aqui, agora (CLAVAL, 2010).

Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram e quais são os nossos ideais ambientais? Como a economia, o estilo de vida e o próprio ambiente físico afetam as atitudes e valores ambientais? Quais são os laços entre meio ambiente e as percepções e experiências na cosmovisão do mundo? Estas são algumas das questões que serão exploradas neste capítulo.

Entre os primeiros povos e nos meios populares das sociedades tradicionais, a cosmovisão não é exclusivamente feita de práticas e de habilidades. Ela é carregada de experiências e de subjetividade. Viver é evoluir entre as paredes, ou ao encontrar-se ao ar livre. Viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar. E mover-se em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo, enquanto paisagem.

As pessoas têm uma reação emotiva diante de lugares em que vivem, os lugares que percorrem regularmente, ou que visitam eventualmente. Alguns lugares lhes agradam, lhes parecem agradáveis, acolhedores ou calorosos; outros os seduzem por sua beleza cênica, pela impressão de calma e de harmonia que emana, ou pela força das emoções que eles suscitam. Entretanto, há paisagens quaisquer, banais, sem interesse; nós as atravessamos, sem que nada chame a nossa atenção: é difícil descrevê-la ou caracterizá-la. Em outros lugares, a feiúra, a sujeira ou o mau cheiro provocam a repulsa ao visitante. Esse é às vezes tomado por um sentimento de ameaça: a insegurança parece estar onipresente, um perigo pode surgir a qualquer instante, uma agressão é sempre possível segundo Claval (2010)

Por muito tempo, os geógrafos negligenciaram a experiência geográfica. Eles somente descobriram seus significados nos anos 1960, a partir do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. As perspectivas mudaram depois de 1970, muitos geógrafos se apaixonaram pelos estudos dos lugares, pelo sentido que se empresta à terminologia do lugar, pelos sentimentos que eles provocam: quietude, paz, tranqüilidade em certos casos, amor, medo, temor, terror em outros (TUAN, 1975). A depender se são jovens ou idosos, os seres humanos não vivem no mundo da mesma maneira, tampouco têm as mesmas perspectivas quanto ao real, quanto ao lugar.

### 3.1 – O Lugar

Na célebre frase, encontrada no capítulo introdutório do livro Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência (TUAN, 2013) “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. O mesmo afirma que não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou mesmo a pátria. Para Tuan (1975, p. 165):

O lugar é criado por seres humanos para objetivos humanos. [...] Para permanecer um lugar ele precisa ser vivido. Isto é um chavão a não ser que investiguemos o que significa “vivido”. Viver em um lugar é experienciá-lo, estar consciente dele nos ossos, assim como na cabeça. Lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo da experiência; ele é sustentado não apenas por madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana.

O lugar tem espírito e personalidade. Espírito porque lugares carregam emoções. Lugares nascem, por exemplo, do sagrado, do carinho da avó, do apoio da vizinhança. Personalidade, pois os lugares são o contexto físico e as modificações forjadas pelas pessoas que ali viveram e pelas que ainda vivem. O lugar é um centro de significados construídos pela experiência. O lugar é conhecido não apenas por meio dos olhos e da mente, mas também por modos mais passivos e diretos de experiências que resistem à objetificação. Os lugares são estabelecidos por meio da mente, dos sentidos, da percepção e da experiência (TUAN, 1975).

Pádua (2013) concorda com o argumento de Tuan e complementa que, as pessoas, por sua vez, têm um sentido de lugar. Sentir é conhecer. São os nossos cinco sentidos que nos permitem criar este sentido de lugar. A visão, distante, dá a dimensão estética, a audição, o tato, o olfato nos aproxima, envolve-nos com o lugar.

Pádua (2013) ainda reforça os argumentos de Tuan, quando este afirma que os lugares, normalmente, são constituídos tanto pelas experiências diretas, sensórias – como um cheiro especial, uma textura diferente, uma vista do mirante – juntamente com as experiências indiretas da mente, que abstrai o conhecimento advindo da experiência. Por isso é que a experiência é capaz de construir o lugar com diversas escalas – a poltrona, o sofá, o bairro ou o país. Damos nomes aos lugares para que nos apropriemos deles. Ao dominar,

identificamos e damos vazão aos nossos centros de significados, que passam a ser publicamente reconhecidos e intersubjetivamente construídos. Entretanto, Tuan (1975) aponta que muitas das nossas experiências se dão ao nível do subconsciente e, por isso, a maioria dos lugares não é nominado. Pádua (2013, p. 48) declara:

Sendo assim, como fruto da nossa experiência, o lugar pode ter várias escalas, como a casa, o lar, uma cadeira especial, todos são lugares – eles são criados por todos os tipos de experiências (sensorial e perceptiva). O país também é lugar, criado mediante uma experiência abstrata e indireta do lugar. Até uma pessoa pode ser lugar – o colo dos pais para o bebê desprotegido, por exemplo. O que os lugares têm em comum? São centros de significados, repositórios de sentidos, concebidos pela experiência.

Para o âmbito dos estudos com os quais a geografia lida, no entanto, a escala da poltrona e do sofá, ou mesmo dos lugares individuais dificilmente pode ser alcançada. Nós estudamos lugares que são o centro de significados gerais, por isso, Tuan (1975, p.156) considera as cidades como os lugares por excelência:

Existe geografia do lugar na escala da fazenda, povoados, bairros e cidades. Não pode haver uma geografia do lugar na escala de uma cadeira de balanço, porque poucas das que existem são centros de significados: muitas são apenas receptáculos momentâneos de corpos cansados. Um mapa mostrando a distribuição das cadeiras de balanço que também são lugares para indivíduos seria muito pouco diferente de um mapa de população urbana; porque pessoas e apenas pessoas podem gerar sentido, e pessoas (incluindo suas lareiras, camas e cadeiras) são encontradas principalmente em cidades. Cidades são lugares e centro de significados por excelência”.

Podemos perceber que cidades são lugares, porque foram criadas exclusivamente por seres humanos. Tanto as cidades quanto os objetos que ela abriga, recebem nomes. As cidades são apoderadas, reconstruídas e usufruídas pelas pessoas. Elas são a experiência coletiva do lugar em seu mais explícito fazer.

Tuan (1975) também comenta sobre outras escalas do lugar, por exemplo, a região e o país. Esses são maiores que as cidades e dificilmente tem-se experiência direta deles. Mas, ainda assim, por meio do compartilhamento e recomposição coletiva das experiências, é possível se

apropriar deles. O país é, sem dúvida, um centro de significados – nele colocamos características do nosso povo, nossa lealdade, orgulho, afeto. Aprendemo-lo por meio das significações simbólicas da arte, educação e política. Não por acaso frequentemente, referimo-nos ao nosso país como lar.

O lugar é uma pausa no tempo, no movimento. É quando fazemos nossas pausas para atender as nossas necessidades biológicas, fisiológicas, sociais ou sentimentais. O lugar é estático, se nos percebemos em constante mudança, permanentemente em processo, migrantes constantes, não seríamos capazes de criar lugares. Mas por quanto tempo precisamos parar para formar lugares? Como experiência pessoal, o tempo que leva para o indivíduo se sentir no lugar é o tempo necessário para criar hábitos e rotinas inesquecíveis, afirma Tuan (2013). Ainda segundo Tuan (1975, p. 164):

A sensação de lugar raramente é adquirida de passagem. Conhecer bem um lugar, demanda muito tempo de moradia e profundo envolvimento. É possível apreciar as qualidades visuais de um lugar como uma pequena visita, mas não como ele cheira em uma manhã gelada, como os sons da cidade ecoam ao longo das ruas estreitas para morrer na praça larga, ou como o pavimento queima as solas dos tênis e derrete os pneus das bicicletas em agosto. Conhecer um lugar é também conhecer o passado: o passado da própria pessoa está preservado no prédio da escola, na farmácia da esquina, na piscina, na primeira casa; o passado da cidade está preservado em seus pontos arquitetônicos de referência.

No entanto, apenas o tempo não é suficiente para garantir o sentido de lugar. Ele precisa ser vivido, experienciado, ele é criado como qualidade da consciência e da intencionalidade humana. A qualidade e a intencionalidade da experiência são mais importantes do que o tempo que ali passamos. Todos os lugares são pequenos mundos que dependem da experiência e da emoção humana para se revelarem. Os lugares também podem ser tempo visível – memória, ressignificação do passado que não existe mais, portanto, repositório de significados.

O lugar é o “*locus*” das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais. A íntima relação do homem com seu meio, sua dependência maior em relação ao mundo natural, comparada ao homem urbano-industrial faz com que os ciclos da natureza (a vinda de cardumes de peixes, a abundância de caranguejos) sejam associados a explicações míticas

ou religiosas. As representações que essas populações fazem dos diversos habitats em que vivem, também se constroem a partir do maior ou menor controle de que dispõem sobre o meio-físico.

Assim, os coletores de caranguejos têm um comportamento familiarizado com o manguezal, seja adentrando nele para retirar os recursos de que precisa; ele não tem receio de explorar os manguezais protegidos pela mãe-d'água, pelo curupira e pelo Ataíde, ou pelos demais seres místicos, porém muitos têm um verdadeiro pavor de explorar os manguezais distantes ou próximos ao mar aberto, têm medo das desgraças associados às criaturas místicas que habitam os manguezais desconhecidos. Para Tuan (2013, p. 200):

Muitos lugares, altamente significativos para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não por meio do olho crítico ou da mente.

Tuan (2013) compreende que no homem adulto são extremamente complexos os sentidos e idéias relacionados com o lugar. Originam-se das experiências singulares e comuns. No entanto, cada pessoa começa como uma criança. O horizonte geográfico de uma criança expande-se à medida que ele cresce, mas não necessariamente passo a passo, depende muito das experiências. O lugar pode adquirir profundo significado para um adulto através do contínuo acréscimo de experiências e sentimentos ao longos dos anos, esses significados e sentimentos também variam em relação ao estado de espírito das pessoas ou se são homens ou mulheres.

Ainda segundo Tuan (2013), a qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz a partir de experiências. Conhecer um lugar, certamente leva tempo; é um tipo de conhecimento subconsciente. Com o tempo, nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido. A afeição por uma pessoa ou uma localidade, raramente é adquirida de passagem, entretanto, um homem pode se apaixonar a primeira vista por um lugar, como também por uma mulher. Oliveira (2012) declara:

Ao se acordar que o lugar acompanha sempre o homem, nem sempre concordamos com esta ou aquela definição. Há uma

infinidade de definições de lugar e de sentido que varia conforme as teorias e os autores. Uma objetiva e outras subjetivas. O sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua, o sentido do tempo.

Ainda segundo Oliveira (2012), Yi-Fu Tuan é o autor que convém lembrar, por seus aportes para explicar e ampliar a noção de lugar, com a publicação de seu clássico livro Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência, onde:

Para esse geógrafo, a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-lo lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que esse espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante de nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. Conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se torna um lugar para nós. A própria pátria, vista como nosso lar, afetivamente se torna um lugar. “O lugar é segurança e o espaço liberdade”, ou ainda, “o espaço é movimento e o lugar pausa”, logo, o espaço é mais abstrato e o lugar mais concreto.

A valorização do lugar provém de sua concretude, pois embora seja possível de ser enquadrado ou conduzido de um lado para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções. Tal realidade concreta é atingida por meio de todos os nossos sentidos, com todas as nossas experiências, tanto mediante a imaginação, quanto simbolicamente, reforça Oliveira (2012).

Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo. Os lugares íntimos, como nossos lares, são mais aconchegantes no inverno, nos dias de chuvoso, nos momentos de doenças ou festividades, de descanso, de atendimento às nossas festividades.

Os lugares, ainda segundo Tuan, podem se fazer visíveis por meio de inúmeros meios: rivalidades ou conflitos com outros lugares e na manifestações de arte e de arquitetura. Em suma, a imagem que temos do lugar é sempre pessoal; lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos. Pois o lugar é considerado uma das essências básicas para a geografia humanista.

As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou aquele (o meu, o seu ou o nosso lugar), são pensadas em termos geográficos, a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e das transformações. É o lugar como aconchego que levamos dentro de nós.

Para encerrar estas considerações, deixo aqui minhas próprias palavras sobre “o sentido de lugar”, que venho me relacionando há alguns meses: “Para mim, Quatipuru é uma concha que me dá abrigo e dá abrigo aos seus moradores, além de carinhoso, é seguro. É o meu lugar de trabalho e de cuidadosas e carinhosas observações. Foi onde pude desenvolver minhas habilidades de pesquisador em nível de mestrado. Fiz novos e valiosos amigos (Professora Elza, Ednaldo, Johnny, Pajuca, Primote e tantos outros). Quatipuru é o meu mais novo aconchego”.

### 3.2 – Experiência

A ciência está acostumada à experimentação. Somos levados, pela visão positivista a acreditar que devemos formular hipóteses e testá-las em ambiente controlado. Entretanto, se controlamos o ambiente, o que resta de realidade nele? E, neste caso, como se daria, de fato, esta experiência no mundo?. Para Tuan (2001, p. 44):

“Se os cientistas são uma raça especial porque eles experimentam, humanistas são uma raça especial porque eles consciente e sistematicamente refletem sobre a experiência”.

Tuan não entende a experiência como um mero teste, mas como um ato de experiênciação – ato de se por-no-mundo. A experiênciação nos compõe como seres humanos e por meio dela construímos atitudes e percepções, compreendemos e organizamos o mundo, criamos lugares e, sobretudo, nos relacionamos. Experienciar é fazer e praticar geografia, considerada neste escopo como atividade inerente a todas as pessoas.

A experiência é ainda intencionalidade, é atividade e exploração. Não é um ato passivo de mera contemplação – plantas, por exemplo, não experienciam. Ao se pôr no mundo, mediadas pelos sentidos, as pessoas

buscam organizar seu mundo: “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 2013).

Apreendemos a experiência pela mediação dos nossos sentidos, da nossa capacidade de simbolização e também pelo alcance do pensamento racional, somos “coloridos” pela emoção. A experiência é sempre voltada para o mundo exterior e implica em apreender a aprender a partir da própria vivência.

Assevera-se que a experiência “É a totalidade dos meios pelos quais conhecemos o mundo; conhecemos o mundo por meio das sensações (sentimentos), percepções e concepções” (TUAN, 2013). Novamente, para Tuan (1975, p. 151) “A experiência é um termo abrangente para as várias maneiras pelas quais uma pessoa conhece o mundo”.

Pádua (2013) mostra que, à medida que acumulamos experiência em uma parte do mundo, começamos então a criar laços e depositar sentidos, que podem ser acessados na memória: criamos lugares. Por isso, os lugares – repositórios da experiência – podem ser individuais e até subconscientes. Os lugares, portanto, são compostos por experiências, não notadamente relevantes ou excepcionais, como o cheiro de café, o som do pássaro que vive na árvore em frente, a vista do pôr-do-sol na janela, mas que se acumulam e criam fortes laços de afeição entre o indivíduo e o lugar. Segundo Tuan (2013, p. 167):

É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço... O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado... Movemos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e cultural... As experiências íntimas são difíceis de expressar.

Os homens são seres sensíveis: o espaço onde eles evoluem não lhes parece jamais neutro. Eles moram nele: eles têm aí um domicílio, uma casa, um barraco, uma palafita, um local para chamar de seu. É aqui que eles descansam, refazem suas forças, ou dormem. Aí reencontram sua família: seus pais, seus irmãos e suas irmãs, quando são jovens, ou suas esposas e

esposos e seus filhos mais tarde. Eles evoluem em meio a seres que conhecem bem: eles podem se mostrar dessa forma, tal com são, revelar seus gostos, manifestar suas preferências, expor suas opiniões. Isso não acontece sem choques, mas é um preço que se paga de boa vontade para dispor de um nicho, onde alguém se sente apreciado, onde se é muitas vezes indispensável, onde as pessoas são aceitas pelo que são, pondera Claval (2010).

A sensação que as pessoas experimentam em relação aos lugares em que vivem é inseparável dos seres que eles aí encontram. No mundo ocidental, tanto no mundo rural, quanto nos bairros urbanos, a vizinhança próxima é também aquela da igreja ou do templo, onde todo mundo se encontra aos domingos, onde as crianças aprendem o catecismo, onde fazem a primeira comunhão. A vizinhança próxima também é dos mesmos membros da AEXQUAT, que se reúnem para discutir os problemas comuns.

Os homens se inserem em ambientes cujos aspectos físicos e os componentes sociais rapidamente se tornam familiares. A presença de todos é aí observada, apreciada, criticada eventualmente. Habitar o lugar é estar bastante amalgamado com um grupo e estar inserido nele bem profundamente num ambiente para com ele se identificar. Os homens fazem parte da natureza, na qual eles se inserem e da qual eles tiram partido para assegurar sua subsistência.

Para Tuan (2013), experiências íntimas são difíceis, mas não impossíveis de expressar. Elas podem ser pessoais e sentidas profundamente, mas não são necessariamente excêntricas. Cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, plenamente reconhecidos pelas pessoas. Por exemplo, os moradores de Quatipuru identificam a praça central e o trapiche da cidade como os principais locais de encontro da população. A Festividade de São Benedito e a Marujada de São Benedito constituem a principal manifestação simbólica e cultural que melhor representa a população.

Nesse sentido, é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações tradicionais constroem, pois é com base nele, que agem sobre o meio. É com base também nessas representações e no conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo (DIEGUES, 2008). O imaginário popular dos

coletores de caranguejo de Quatipuru está repleto de entes mágicos que castigam os que destroem os bosques de manguezais ou que maltratam os animais aí existentes (Curupira, Mãe d'água, Saci Pererê, Ataíde e o Gritador). Assim, os moradores de Quatipuru têm várias lendas, que em geral despertam uma certa e importante consciência ambiental na população local, pois todos esses entes mágicos castigam, com rigorosas punições, os ambiciosos que retiram desnecessariamente muitos caranguejos e outros recursos dos manguezais.

Em certas sociedades tradicionais, certas áreas, tanto da floresta quanto de estuários e rios, são considerados sagrados, não devem ser utilizados para atividades econômicas. Pois essas áreas são os lugares de descanso dos entes mágicos e dos deuses (DIEGUES, 2008). Em Quatipuru essas práticas entre os coletores de caranguejo é bastante observada em sua labuta diária.

Há muito mais sobre a experiência, além do que discutimos aqui. Em grande parte, a cultura dita o foco e a amplitude de nosso conhecimento. Até os sentimentos íntimos têm grande possibilidade de serem representados, mais do que pensa a maioria das pessoas. Os exemplos de imagens referentes aos lugares aqui representados são evocados pela imaginação de sensíveis moradores locais. É por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidos do passado são trazidos para perto de nós, na realidade presente e ganham certa permanência (TUAN, 2013).

### 3.3 – Percepção e visão de mundo.

A percepção é parte da experiência e Tuan (2012) declara que “quando não há lapso de tempo entre a sensação e a sua interpretação, [...] se pode falar da experiência como percepção em sentido estrito”. Ainda para Tuan (2012, p. 18):

Percepção – é tanto a resposta dos sentidos, aos estímulos externos como a atividade proposital, [...]. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

A percepção depende tanto da experiência, quanto da imaginação, percebemos por meio dos nossos sentidos e eles se completam na composição da percepção, o mundo percebido pela visão é abstrato e “distante”, o paladar e o som atingem o campo das sensações, e nos colocam no mundo percebido. “A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 2013). Assim, o mundo percebido é infinitamente complexo e variado, dependendo da fisiologia, experiência e intencionalidade.

Nas palavras de Pádua (2013), o contexto histórico e o grupo cultural em que vivemos também influem tanto na nossa percepção individual, quanto em um tipo de percepção coletiva. Exemplo disso foi a depreciação rural e o distanciamento da natureza que aconteceu na década de 1960 e 1970, quando as migrações começaram a criar grandes metrópoles. Atualmente, com o inchaço das cidades e os problemas socioeconômicos, surgem condomínios urbanos a cada dia, parecendo demonstrar a revalorização da proximidade com a natureza.

As transformações culturais e ambientais mudam a realidade e, portanto, modificam as atitudes de modo que os mesmos fatos são percebidos de formas diferentes. Nós somos o resultado da nossa própria biologia, mente, pensamento e também das influências externas, como a cultura e o momento histórico. Tuan (2013, p. 21) declara:

A superfície da Terra é extremamente variada. Mesmo com um conhecimento casual, sua geografia e a abundância de formas de vida muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície.

Portanto, duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas. Os coletores de caranguejos de Quatipuru, de acordo com as observações e conversas, também apresentam percepções, visões de mundo, relações e concepções ambientais bastante distintas entre si. Tuan (2013) pondera que se corre o risco de não notar o fato de que, por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membro de mesma

espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira. Tuan (2012, p. 91) intui ainda:

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitude e preferências do grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem no mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza”.

Para TUAN (2012), a cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa passa ver coisas inexistentes para a ciência moderna. As lendas e os mitos são frutos da cultura de um povo e são bastante expressivas entre os coletores de caranguejo-uçá de Quatipuru; os seres místicos chegam a determinar em alguns casos, a dinâmica da atividade da coleta de caranguejo.

Ainda segundo TUAN (2012, p. 94,95), nas culturas em que os papéis de gênero são fortemente diferenciados, homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele, pois:

Na sociedade ocidental, o mapa mental da dona de casa com criança pequena provavelmente é diferente ao do seu esposo. Os caminhos de circulação do casal, durante os dias de trabalho, dificilmente coincidem, exceto dentro de casa. Quando saem às compras, o homem e a mulher vão querer olhar lojas diferentes. Eles podem ir de braço dado, mas ainda assim, não vão ver ou escutar as mesmas coisas.

Em Quatipuru, observou-se também, os mesmos comportamentos citados por Tuan (2012) tendo em vista as relações de gênero, bastante diferenciadas, mostrando diferenças, no papel desempenhado pelos homens, mulheres e crianças, ao desenvolverem suas atividades relacionadas à coleta, ao beneficiamento e à comercialização do caranguejo, pois todos desenvolvem diferenciadas percepções e visões de mundo. Porém, no que se refere às questões envolvendo as percepções ambientais, as diferenças de gênero parecem não existir. Os homens e as mulheres se preocupam igualmente à respeito dos manguezais e da sustentabilidade de sua atividade. Portanto, as

diferenças de percepção e avaliação do meio ambiente não causam grandes desacordos.

Entretanto, as mesmas preocupações com o manguezal não são observadas entre o visitante e o nativo, pois de acordo com Tuan (2012, p. 96), ambos focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente, considerando:

Em uma sociedade tradicional estável, os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância, em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista do visitante por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade também pode levá-lo a se manifestar. Por outro, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente por meio do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito.

As clareiras abertas no mangue após o corte de árvores na visão de um visitante chamam a atenção apenas para a destruição da natureza, não dizem mais nada, a não ser desolação, pois pensam que aqueles que os tinham produzidos a clareira no manguezal, com seus braços fortes e machados obedientes, não podiam contar outra história. Entretanto, quando os nativos olham os horríveis tocos, pensam em uma vitória pessoal. As lascas e os miseráveis troncos cortados, falam de suor honesto, de trabalho persistente e recompensa final. A casa que resultou das árvores cortadas é a garantia de segurança para o homem do mangue, a mulher e as crianças. Em resumo, a clareira que para um visitante é simplesmente o resultado do processo de destruição do manguezal, para o homem do mangue é um símbolo fragmentado de lembranças morais, um verdadeiro hino de vitória e de sucesso.

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza, conclui TUAN (2012).

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estritamente ligados: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha,

necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural. Em Quatipuru, a visão de mundo da grande maioria da população está ligada aos manguezais e seus ainda abundantes recursos, em especial ao caranguejo-uçá, determinando uma rotina diária, ligada aos ciclos da natureza, principalmente ao ciclo das marés.

### 3.4 – Topofilia: o amor por Quatipuru.

Tuan define topofilia como amor pela natureza. Ele também usa cena, paisagem, região, espaço e lar para descrever e exemplificar a topofilia. No livro *Topofilia: um estudo de Percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012, p. 161), o termo topofilia é definido como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como a experiência pessoal”. E assim foi consagrado:

O termo topofilia associa sentimentos com o lugar... aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época.

A topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade, o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, o presente e o futuro, lugar de trabalho para o sustento da família, porque evoca orgulho de posse, ou de criação.

A Topofilia pensa o ambiente no sentido global, pensa o ambiente na forma como é percebido e vivido pelas pessoas, respeitando-se suas tradições e valores culturais. Pois a mesma tenta compreender o ser humano, em sua própria condição, busca compreender as experiências geográficas em relação a sua dimensão existencial, psicológica, cultural e geográfica ao mesmo tempo. É uma visão de geografia e do meio ambiente mais aberta, sem amarras, pois entende o homem como parte da natureza, embora com suas intencionalidades e capacidades perceptivas.

É curioso perceber que a noção de topofilia, tão frequentemente associada à geografia de Tuan (2012, p. 135, 136), só tenha sido efetivamente trabalhada no texto citado. Entretanto, julgamos que o próprio sentido de lugar e, muito mais especialmente, o de lar, incorporam a afetividade que é o fundamento da topofilia.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode virar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, do que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscência e o meio de ganhar a vida.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes, ou é percebido como um símbolo. O turismo é uma utilidade social benéfica à economia, porém não une o homem à natureza. A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura, quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos, conclui Tuan (2012, p. 139):

Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional. O circuito turístico, atrás de janelas de vidro rayban, separa o homem da natureza.

Qual é o meio ambiente ideal das pessoas? Não podemos responder integralmente esta pergunta, simplesmente olhando o local onde elas vivem. Uma maneira de se aproximar desse ideal é examinar a idéia que as pessoas têm do mundo. As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários defeitos, não é vista em todas as partes como morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar, onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra (Tuan, 2012).



Figura: 17 – Vista panorâmica da orla da pequena cidade de Quatipuru, destacando as canoas ou cascos utilizados pelos caranguejeiros.

O apego à terra, como é o manguezal para o coletor de caranguejo é profundo, conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Os coletores de caranguejo, quando seus corpos doem de cansaço, dizem que “seus ofícios formam partes deles”. Para os mesmos, a natureza forma parte deles – e a beleza, com substâncias e processos da natureza a personifica. Esse sentimento de fusão com a natureza (simbiose) não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato com o manguezal, enquanto lugar. A topofilia do homem do mangue está formada dessa intimidade física de dependência material e do fato de que o manguezal ser o repositório de lembranças e que mantém esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressa.

Um coletor de caranguejo de Quatipuru disse para mim: “o manguezal pra mim; o manguezal pra mim. É a minha vida, o manguezal é o meu pai, o manguezal pra mim é a minha mãe. Abaixo de Deus, os manguezais. Se não fossem os manguezais, eu não teria sustentado a minha família, eu não teria sido um homem de respeito, um homem honesto. Então... tudo que eu tenho e tudo que eu sou, eu devo aos manguezais. O manguezal está sempre aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão meu como meus braços e pernas. E o manguezal é amigo e inimigo; é as duas coisas. Se a coleta de caranguejo vai bem, eu me sinto bem, se há problema com o manguezal, há problema comigo”. Um caranguejeiro não emoldura a natureza

em lindos quadros, mas pode estar profundamente consciente de sua beleza e de sua utilidade, ao matar a fome de sua família. E não demonstra nenhum desejo de migrar para outra região, como o sul e sudeste do país, apesar da vida dura nos manguezais de Quatipuru, nos manguezais da Amazônia.

A familiaridade engendra afeição, quando não o desprezo. Os coletores de caranguejos observados e que integram essa pesquisa, possuem uma grande afeição pelos manguezais, diferindo de muitos de nós, seja para o homem tecnológico, ou mesmo para o homem da cidade, que encaram os manguezais como ambientes fétidos e inóspitos.

Os coletores de caranguejo-uçá de Quatipuru encontram várias razões para esta afeição pelos manguezais, pois estes são uma extensão do corpo de uma pessoa e estes mesmos ditam sua personalidade; ser privado dos manguezais é ver diminuir o seu valor como ser humano, na sua própria estimação.

Concordamos com Tuan (2012), a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar e pelo meio ambiente. Apegar-se ao chão nativo com cada fibra do seu ser e observar que lágrimas aparecerão nos olhos quando este referir-se ao seu lugar natal. A história de vivência e convivência com o meio ambiente é a grande responsável pelo amor à terra natal.

Para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo, afirma Tuan (2012). Em que pese essa afirmação, o coletor de caranguejo não é exceção, pois sua vida está atrelada aos ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, a vida ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar. De fato, pouco se sabe sobre as atitudes dos coletores de caranguejo para com a natureza. O que existe é uma vasta literatura, em grande parte relacionada às análises descritivas e/ou quantitativas, no que diz respeito aos recursos dos manguezais e em especial ao caranguejo-uçá. Posso afirmar, porém, que o sentimento topofílico entre os coletores de caranguejo e as pessoas envolvidas nessa atividade diferem em relação a idade, ao gênero e ao status socioeconômico.

### 3.5 – Comunidade: cultura e a vida local.

Enquanto para Pádua (2013), “a comunidade é uma mediação coletiva com o espaço”, a comunidade é também conforto, remete à sensação de pertencimento, é também o compartilhamento de valores e comportamentos. É assim, que os membros da comunidade cooperam uns com os outros, formando as associações comunitárias.

Por outro lado, a opressão da comunidade sobre o indivíduo observada por Tuan (1996, p. 145), também se sobrepõe e se impõe aos caranguejeiros de Quatipuru, podendo impedir o progresso pessoal, eliminando as possíveis diferenças que possam trazer instabilidade ao equilíbrio interno. Enquanto a comunidade é também avessa ao mundo externo, tratando-o como ameaça, baseia-se no fato, segundo o autor:

Cosmopolitas se sentirão desconfortáveis [na comunidade] por varias razões, incluindo [...] sua desconfiança com o mundo maior, sua necessidade psicológica de ver forasteiros e estrangeiros de modo hostil ou desdenhoso; sua concepção estreita e abertamente egocêntrica de ajuda mútua; sua imobilidade social (uma coisa é ter um lugar, outra bem diferente é saber o lugar de alguém ou colocar alguém no seu lugar); sua indiferença com a singularidade do individuo como diferente do bem público comum.

Acreditamos assim, que devemos, no mínimo, ponderar sobre a potencialidade das comunidades, no resgate e na importância da valorização de suas identidades culturais.

Se Tuan (2012) considera o ser humano um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único, as atitudes e valores refletem os três níveis do ser. A cultura (comunidade) e o meio ambiente podem determinar em grande parte, quais os sentidos e valores podem ser privilegiados. Diferentemente e além de Tuan (2012), todas as pessoas compartilham atitudes e perspectivas comuns à comunidade, porém poucas se baseiam na biologia e podem transcender as amarras impostas pela atividade cultural. Dessa forma, todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo, a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil.

O grupo, expressando e reforçando os padrões culturais da comunidade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. A cultura da comunidade pode influenciar a percepção de tal modo, que as pessoas verão coisas que não existem.

O modo de vida dos coletores de caranguejo de Quatipuru comporta elementos simbólicos, através dos quais a comunidade não somente age sobre o mundo natural, mas também sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar uma boa coleta de caranguejo. Nesse sentido, a prática simbólica no processo de trabalho e reprodução da comunidade constitui uma realidade social tão real, quanto as ações materiais sobre o mundo visível. Essas representações não existem apenas através do processo de conhecimento, mas também são expressas numa linguagem, a qual representa uma das condições indispensáveis ao aprendizado das técnicas e de sua transmissão.

Segundo Diegues (1999), a representação do mundo selvagem, do mundo natural, não pode ser apreendida totalmente, se não se recorrer às representações, às imagens e ao pensamento mítico.

Em Quatipuru, os moradores representam simbolicamente o manguezal. Nessas representações simbólicas aparecem também várias “camadas” de representações, que simbolizam o tempo do passado, os períodos históricos dos seus primeiros moradores e os espaços atuais de vida.

Ao usar as palavras de Tuan (2013) ressaltando que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, é importante que as pessoas continuem com os pés fincados no chão, em suas experiências de infância, ou mesmo de outros momentos do passado, mesmo após anos de afastamento. Em relação ao primeiro amor, que não se esquece, o lugar de nascimento, ou de passado continua a ser lealmente cultuado. Por conseguinte, as experiências nos cenários pretéritos são tesouros guardados com muita ternura. Todavia, o mundo familiar de outrora nem sempre é o mesmo, quando comparado com o presente.



Figura 18: – apresentação e decoração do festival Mangroove (sons dos mangues), onde A e B destaca as pessoas envolvidas no festival, que são formadas quase que exclusivamente por professores e alunos de Quatipuru. Enquanto que C e D, destacam a decoração do local onde se realiza o festival; toda a decoração faz alusão aos manguezais.

Baseado em (MELLO, 2012), imaginamos que as árvores ou as casas não possuem as dimensões reais, mesmo assim, estas podem exercer em termos do imaginário, uma forte expressão<sup>7</sup>. Longínqua no tempo e, ao mesmo tempo, próxima – interiorizada espacialmente, a casa da infância, altamente significativa para a pessoa, pode ser desprovida de notoriedade para os outros, entretanto, para o indivíduo, atado por laços topofílicos ao passado, a casa subsiste como símbolo de identificação imorredoura.

Ao citar Mello (1991), mostramos que o fervor simbólico, como se sabe, resulta do incentivo cultivado pelo estoque de conhecimento<sup>8</sup> e dos esforços advindos do emocional, ideológico, ou intelectual. O estoque de conhecimento decorre de acontecimentos corriqueiros e notáveis; do orgulho; das tradições e do bem comum ocorridos no chão dos ancestrais, fonte de vida; dos conflitos; das bênçãos dos céus; do sol e das tempestades; das façanhas; dos frutos; do suor; do regozijo; das permutas; das guerras e dos sonhos proporcionados nesses lares – lugares, apenas simbolicamente apropriados, cujas dimensões se perdem no horizonte e no íntimo de cada ser ou da coletividade

Os símbolos anteriormente ilustrados são reconhecidos pela população de um modo geral. Mas as pessoas igualmente contestam o aparelho de Estado, no que tange às toponímias oficiais, com sentimento, criatividade, entendimento e uma linguagem que transforma à sua maneira e cultiva símbolos que lhes são transmitidos, elegendo ou propalando a memória simbólica dos lugares.

Para finalizar, podemos dizer que o caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando-se até o presente, seja no âmbito dos símbolos oficiais, seja com a simbólica memória vernacular.

Quatipuru é vista, hoje, pela maioria dos moradores, como um lugar de carência, carestia, de dificuldades várias e até de abandono. Porém, a migração não é vista como uma solução para seus problemas, apesar da imagem negativa que apresentam sobre o município; os moradores não se

---

<sup>7</sup> J. B. F. MELLO, O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1991.

<sup>8</sup> Estoque de conhecimento – é tudo aquilo que nós adquirimos em nosso dia a dia e ao longo de toda a nossa vida de modo formal ou informal.

sentem bem em deixar para trás sua história, sua cultura. O sentimento de topofilia parece falar bem mais alto que os problemas locais.

Como se verificou durante as observações e levantamentos de campo, os problemas básicos sentidos pelos moradores traduzem-se nas dificuldades crescentes em melhorar suas condições de vida, como a insuficiências de serviços médicos e o aumento da violência atrelado ao consumo de drogas e bebidas alcoólicas. Os coletores de caranguejo também são uma categoria discriminada pela sociedade, em função de seu trabalho.

Os problemas de saúde são particularmente graves em toda a área, sobretudo pelas más condições sanitárias, uma vez que não existe água tratada na maioria dos locais, onde moram os coletores de caranguejos e poucos moradores têm fossas sépticas e não possuem esgoto. Na maioria das vezes, as águas são captadas em igarapés ou poços de boca aberta, o que pode causar algumas doenças de veiculação hídrica.

**4 – É PRECISO  
CONCLUIR  
(temporariamente)...**

O manguezal pra mim, o manguezal pra mim: é a minha vida. O manguezal é o meu pai, o manguezal é a minha mãe. Abaixo de Deus, os manguezais; se não fosse os manguezais eu não teria sustentado a minha família, eu não teria sido um homem honesto. Então, tudo que sou eu devo aos manguezais.(caranguejeiro o de codinome Pajuca, verão de 2014).

Os seres humanos, como os outros animais, se sentem em casa na Terra. Estamos, na maior parte do tempo, à vontade em nossa parte do mundo, em nosso torrão. A vida em sua rotina diária é bem familiar, as atividades rotineiras e as tarefas usuais não exigem pensamento analítico. Quando desejamos fazer algo diferente ou que sobressaia a nossa rotina diária, necessitamos então parar, considerar, pensar.

Um geógrafo fala como se seu conhecimento sobre espaço, território, paisagem e lugar fosse obtido exclusivamente de livros, mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites, levantamentos de campo e todas as parafernalias disponíveis. Ele escreve como se as pessoas tivessem apenas mente e visão e nenhum outro sentido com o qual apreender o mundo e nele achar significados, pondera TUAN, 2013.

Cenário de saberes vernaculares ou como muitos chamam de conhecimento tradicional, os manguezais da costa amazônica, salgado paraense ou carinhosamente como denominamos de “os manguezais de Quatipuru” abriga lugares tão diversos quanto suas paisagens. Num mesmo ecossistema aparentemente homogêneo, inúmeras paisagens, cada uma contribuindo para a “formação de percepções e conceitos a respeito do lugar e sua gente”. Encontra-se em contato diretos com o Oceano Atlântico e com a Floresta Amazônica, o que permite um rico e constante fluxo de biodiversidade.

O manguezal está muito além de um simples ecossistema homogêneo, vasto, construídos de árvores adaptadas a um substrato periodicamente inundado, com poucas espécies e um grande emaranhado de raízes. Com sua rica biodiversidade e diversidade cultural o manguezal nos apresenta novas realidades culturais, expressas por uma intensa disposição dos seus povos para manterem vivas, culturas e tradições de seus antepassados.

No emaranhado de raízes, sentidos e sentimentos, o manguezal acaba por nos revelar outra paisagem; outra imagem; outro modo de viver e de ser, pela sua própria cultura expressa nos hábitos e nos costumes dos seus povos. A esta vista, o manguezal de Quatipuru é contemplado e sentido sob a perspectiva de paisagem que vai além da formação vegetal. À luz da nossa exploração geográfica, o manguezal é vislumbrado como lugar de habitar, cujos povos buscam (re)conhecimento na natureza e na cultura. Para GRATÃO

(2002), os laços que unem os povos à terra são as tradições e os modos de vida.

Nos manguezais de Quatipuru, enquanto seguíamos com os tiradores de caranguejo-uçá, os caranguejeiros nos ensinavam como identificar as tocas dos caranguejos, as tocas são identificadas como sendo do caranguejo macho ou da fêmea; caranguejo grande e pequeno. Eles também nos ensinavam como identificar o caranguejo macho ou fêmea, através do som do toque com o gancho<sup>9</sup>. Contudo, sempre tivemos a sensação de que eles não nos estavam ensinando tudo o que eles e seus filhos sabiam, sendo grande parte arquivada na memória coletiva das gentes, para seu uso exclusivo. Segundo VANNUCCI (2002), o cientista é, acima de tudo, um intruso: “deixe-o encontrar por seus próprios meios o que levamos séculos para alcançar”.

Muitos locais dos manguezais de Quatipuru estão associados a práticas mágicas e místicas que em geral simbolizam resistências, relatam mitos e celebram mistérios. Normalmente esses locais, são bem mais conservados que o restante ao seu entorno, esses locais são também chamados de “pontos” ou “mina”. São nesses locais que residem os espíritos e as criaturas místicas, como: a Mãe-d’água, o Curupira e o Ataíde. Este é um belo exemplo de evolução entre o homem e a natureza. Portanto, há muito a aprender analisando-se os diferentes hábitos e as diferentes práticas dos homens dos manguezais e as mudanças estruturais causadas tanto por dinamismo interno como por outros fatores externos.

As modificações que tem ocorrido nos manguezais fazem com que os ‘elos’ se esvaíam com a transformação da paisagem ao receber os novos modos de produção. Modelo de modernização que vem reduzindo os manguezais aos tantos empreendimentos turísticos, bairros mal planejados e totalmente desordenados, além de aterros para a construção de estradas.

Nesse emaranhado de transformações, o caranguejo-uçá tem sofrido as amargas conseqüências de seu sucesso no mundo das iguarias dos restaurantes sofisticados ou não, a serviço do turismo e do consumo desenfreados dos frutos-do-mar, e os moradores locais sofrem, sentem a dor

---

<sup>9</sup> Gancho é um entre os vários apetrechos usados pelos caranguejeiros para coletar o caranguejo-uçá.

da perda de sua extensão; perda de uma extremidade de seu corpo (telúrico). Diante do (des)enraizamento do manguezal, estamos sentindo as dores da perda de um ambiente que não está mais existindo em sua plenitude de sua biodiversidade.

Desde que o manguezal foi “descoberto” como fonte de matéria prima para o mundo do consumo capitalista, discursos identitário têm reagidos na forma de movimentos de resistências e de reivindicações de identidades, como por exemplo a AEXQUAT. Os saberes vernaculares estão entre os símbolos utilizados para reagir, já que a sua comercialização interna e externa tem se pautado na projeção de imagens e de um imaginário ligado a natureza e à cultura.

Compreender os processos de construção identitárias regionais é um passo importante que se enraíza no campo de resistência e de existência (GRATÃO, 2014). Se o manguezal está sendo (des)enraizado, o caranguejo-uçá está ameaçado a desaparecer. E, assim, se desconstruir da paisagem. E a cultura do caranguejo-uçá? Caranguejo-uçá só pode ser coletado, capturado no manguezal. O quê os coletores de caranguejo tem guardado na memória? Memória da paisagem, do lugar, da natureza (ou da cultura)?

Cultura que brota ao meio de um emaranhado de raízes e sentimentos de topofilia (TUAN, 2012), projetados por imagens do espaço feliz que “visam determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados”, do amor à terra natal! Da relação visceral entre o homem e a Terra, “uma geograficidade do homem modo de sua existência e do seu destino” (DARDEL, 2011).

À nossa vista, a apreciação do amor pela terra vão além do próprio caranguejo-uçá. O caranguejo-uçá é uma expressão de paisagem, de lugar e de pessoas. O caranguejo-uçá está tão relacionado ao lugar e a paisagem quanto à essência de ser. O desejo final em torno das relações do homem com o manguezal na atividade de captura ou coleta de caranguejo-uçá é que a escrita destas páginas pudesse levar a apreciar e reconhecer o caranguejo-uçá enquanto recurso identitário e essência da geográfica de Quatipuru. O caranguejo-uçá enquanto raiz e existência, símbolo de resistência cultural. Do

manguezal às tradições culturais e o sentido da paisagem e do lugar. Lugar chamado Quatipuru, casa chamada Terra.

Para, TUAN (2013), Uma grande quantidade de dados provenientes das experiências está destinada ao esquecimento porque não podemos encaixar as informações nos conceitos das Ciências que aceitamos sem criticar. Esta Dissertação é uma tentativa de sistematizar as experiências humanas, neste caso, as percepções e as experiências dos coletores de caranguejos com o espaço e principalmente com o lugar. Terá alcançado sucesso se fez o leitor ver a variedade e as complexidades das experiências.

Tudo o que somos devemos ao passado. O presente também tem valor; é nossa realidade experiencial, o ponto sensível da existência com sua mistura rudimentar de alegria e tristeza. O futuro, ao contrario, é uma expectativa. Pondera Tuan (2013). Como não se deixar envolver-se e se (em)enraizar nesse campo de encantamento da terra? Como não se deixar entrelaçar-se nesse emaranhado de raízes, sentidos e sentimentos? Como resistir ao valor desse campo (en)raizado de sentimentos? Campo geográfico que me levou de volta à casa!

## **5 – REFERÊNCIAS**

AMORIM FILHO, O. B. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21 – 22, p. 67 – 87, Jan./Dez. 1999.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Curitiba: R. RA'E GA/UFPR. n. 8, p. 141 – 151, 2004.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CÂMARA CASCUDO L. 1972. **Dicionário do Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, Ediouro.

CASTRO, Josué de. 1908-1793. **Homens e caranguejos** – Josué de Castro. – 3ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CEPNOR-IBAMA. **Estimativa da Produção de Captura do Caranguejo-Uçá (*Ucides cordatus*) Desembarcado no Estado do Pará no Ano de 2005**. Relatório Final. 16 p. 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Editora da UFSC. 1999. 454p.

\_\_\_\_\_. **Terra dos homens: a geografia** / Paul Claval; tradução Domitila Madureira. – São Paulo: contexto, 2010.

COSGROVE, Denis. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 5. 1998.

CRUZ, Ernesto. **A Estrada de Ferro de Bragança: visão social, econômica e política**. Belém, SPVEA; 1955. 158p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIEGUES, A. C. S. **Nosso Lugar Virou Parque: estudo sócio-ambiental do saco de Mamanguá – Parati – Rio de Janeiro** / Antonio Carlos Sant'Ana Diegues e Paulo José Nogara. 2ª ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras** / Antonio Carlos Sant'Ana Diegues. 2ª ed. NUPAUB/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada** /Antonio Carlos Sant'Ana Diegues. – 6ª ed. ampliada – São Paulo: Hucitec: NUPAUB/USP, 2008.

FERNANDES, M. E. B.(Org.). **Os Manguezais da Costa Norte Brasileira / Vol. II** / organizado por Marcus E. B. Fernandes. 165p. : In. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2003.

\_\_\_\_\_. SOATÁ: a “andança” do caranguejo; p. 321. In: **AMAZÔNIA**. Coordenado por Inocêncio de Sousa Gorayeb – Belém: RM Graph, 2008. 384p.

FERNANDES, R. T. V. **Recuperação de manguezais** – Rogério Taygra Vasconcelos Fernandes – Rio de Janeiro: ed. Interciência, 2012.

FIGUEIREDO FILHO, J. B.; SENNA, C. do S. F. de – Paisagem: um importante instrumento de planejamento e gestão em região costeira da Amazônia brasileira. In: **3º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem, Cultura, Patrimônio e Projeto – desafios e perspectivas** (Anais) – Coordenação geral: Leonardo Barci Castriota, Marieta Cardoso Maciel – Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2014 [PDF 211, DVD – ROM: som, cor].

FURTADO, L. G. **Curralistas e redeiros de Marudá; pescadores do litoral do Pará**. São Paulo. Universidade de São Paulo. 364p. 1980 (Tese de mestrado).

\_\_\_\_\_. **Iconografia da pesca ribeirinha e marítima na Amazônia**. Lourdes Gonçalves Furtado: Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

\_\_\_\_\_. Ocupação Humana do Litoral Amazônico. In: PROST, M. T.; MENDES, A. M. (orgs) **Ecosistemas costeiros: impactos e gestão ambiental**. 2 ed. Ver. Atual. – Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

GODELIER, M. 1984. L'idéal et le imatériel. Paris, Fayard.

GRATÃO, L. H. B. . **A Poética d’“O RIO”- ARAGUAIA! De cheias...& vazantes...(À) Luz da Imaginação**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Por Entre Becos & Versos - a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena. (Orgs). **Geografia & Literatura** – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

\_\_\_\_\_. Sabor e Paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Revista GEOGRAFICIDADE** – v. 4, número especial; p. 4 – 15. Outono de 2014.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 550f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Uma Discussão Fenomenológica sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e meio Ambiente. **Revista Território**, ano 2, n. 3, p. 77 – 85, Jul./Dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o Estudo Geográfico. In: ROSENTAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Manifestação da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 149 – 168.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010.

IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. **Estatística Municipal: QUATIPURU**. Belém-PA, 2013.

MACIEL, N. C. **Alguns aspectos da ecologia de manguezal**. In: CONGRESSO PERNANBUCANO DE RECURSOS HIDRICOS. Recife. 1991, p. 9 - 37

MANESCHY, M. C. 1988. **Uma comunidade pesqueira ameaçada**. Belém, universidade Federal do Pará. 223p. 1988 (Tese de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Pescadores nos manguezais: estratégias técnicas e relações sócias na captura de caranguejos**. In: FURTADO, L. LEITÃO, W. E MELLO, A. F.(organizadores) Os povos das águas. Belém, CNPq/Museu Paraense Emilio Goeldi, 1994. p. 19 – 62.

\_\_\_\_\_. e ESCALLIER, C. **Parceira da terra: o trabalho das mulheres na pesca em Vigia, litoral do Pará**. In: FURTADO, L. G., QUARESMA, H. D. B. (Orgs). Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi. 2002. p. 57 – 118.

MARANDOLA JR, E. **Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia**. Geografia, Rio Claro – SP, v. 30, n. 3, p.393 – 420, 2005.

MELO, G A. **Manual de identificação dos Brachyura (caranguejos e siris) do Litoral Brasileiro**, São Paulo: Ed.Plêiade/FAPESP. 1996. 603 p.

MELLO, J. B. F. **O Triunfo do Lugar sobre o Espaço**. In: MARANDOLA Jr; HOLZER, W. e OLIVEIRA L. (Orgs). Qual o espaço do lugar? 1ª ed. São Paulo: editora Perspectiva. 2012, v1; p. 33 – 68.

\_\_\_\_\_. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1991.

MENDES, P. M. Quatipuru: sobrevivendo do mangue. Alimentação e trabalho na produção do caranguejo. **Anais do Simpósio: Amazônia, Cidades e Geopolítica das Águas**; Belém; Brasil 2003.

MENEZES, M, P. M. MANGUEZAIS: As florestas da Amazônia costeira. **Revista Ciências Hoje** – vol. 44 – nº 264 – p. 34 a 39. Outubro de 2009

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de Paisagem**. Revista Raega. Editora UFPR. 2004

PÁDUA, L. C. T. **A Geografia de Yi – Fu Tuan**. 208f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Física) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013.

PINHEIRO, M. A.; FISCARELLI, A. G. **Manual de Apoio à Fiscalização do Caranguejo-uçá (Ucides cordatus)**. CEP SUL. Itajaí (Santa Catarina). 43p. 2001.

PROST, M. T. et al. Manguezais e estuários da costa paraense: exemplos de estudo multidisciplinar integrado. In: PROST, M. T. ; MENDES, A. M. (orgs) **Ecosistemas costeiros: impactos e gestão ambiental**. 2 ed. Ver. Atual. – Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

SAUER, O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998

SENNA, C. S. F. **Mapeamento de paisagem litorânea por sensoriamento remoto**. In: ECOLAB. Belém, 2002.

\_\_\_\_\_. **Análise palinológica e sucessão vegetal durante o Holoceno nos ecossistemas costeiros do município de Quatipuru – Pará**. Relatório de Atividades de Pesquisa. Museu Paraense Emílio Goeldi; Belém – Pará. 2010.

\_\_\_\_\_; SILVA, A. P. da, BARBOSA JÚNIOR, J. S, HOLANDA, S. C., RIBEIRO NETO, B. de S. SOCIEDADE, NATUREZA E PAISAGEM EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES NA COSTA AMAZÔNICA In: I Simpósio de Pesquisa Interdisciplinar da Amazônia Legal, 2011, Belém do Pará. Anais do I Simpósio de Pesquisa Interdisciplinar da Amazônia Legal: Diálogos Interdisciplinares em Busca da Integração Regional. Belém do Pará: Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Naturais e Tecnologia., 2011.

\_\_\_\_\_. et al. ( em preparação). **Sociedade e Natureza na planície costeira de Quatipuru-PA: Um exemplo de pesquisa interdisciplinar na costa Amazônica**. Evento interdisciplinar. UEPA

SILVA, M. M. T. **Bioecologia e produção comercial do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus* Linnaeus, 1763) em Quatipuru, Pará.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Belém, 2008.

SILVEIRA, I. M.. **QUATIPURU: Agricultores, Pescadores e coletores em uma vila amazônica** – Museu Paraense Emílio Goeldi (Publicações avulsas nº 34). Belém – Pará – Brasil, 1979.

TUAN, YI-FU. Man and Nature: An Electric Reading. **Landscape**, v. 15, p. 30 – 36, 1966.

\_\_\_\_\_. **China.** London; Chicago: Longman's; Aldine, 1970. 225p.

\_\_\_\_\_. **Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature**, The Canadian Geographer, v. 15, n. 3, p. 181 – 192. 1971.

\_\_\_\_\_. Place: Na Experiential Perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151 – 165. 1975.

\_\_\_\_\_. Foreword. In: BUTTIMER, Anne. **Geography and the Human Spirit.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cosmo and Heart: A Cosmopolite's Viewpoint.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. 204p.

\_\_\_\_\_. Life as a Field Trip. **Geographical Review**, v. 91, n. 1-2, p. 41-45, Jan./Apr. 2001.

\_\_\_\_\_. **Paisagem do Medo.** Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo – SP: Editora UNESP, 2005. 374p.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente** / Yu-Fu Tuan; Tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2012. 342p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência** / Yi-Fu Tuan; Tradução: Lívia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2013. 248p.

VANNUCCI, M. **Os manguezais e nós: Uma síntese das percepções** / Marta Vannucci; versão em português Denise Navas Pereira. – 2ªed. Revista ampliada – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2002.